

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES ACERCA DE PROBLEMAS DE  
COMPORTAMENTO DOS FILHOS**

**Dissertação de Mestrado**

**JULIANE CALLEGARO BORSA**

Profª Drª. Maria Lucia Tiellet Nunes  
Orientadora

Porto Alegre,  
Janeiro de 2008.

PONTÍFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES ACERCA DE PROBLEMAS DE  
COMPORTAMENTO DOS FILHOS**

**JULIANE CALLEGARO BORSA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Tiellet Nunes

Orientadora

Porto Alegre,  
Janeiro de 2008.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B738p      Borsa, Juliane Callegaro  
Percepções de pais e mães acerca de  
problemas de comportamento dos filhos / Juliane  
Callegaro Borsa. Porto Alegre, 2008.  
70 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia, PUCRS, 2008.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lucia Tiellet  
Nunes.

1. Psicologia. 2. Parentalidade 3. Maternidade.  
4. CBCL. 5. Problemas - comportamento Infantil. I.  
Nunes, Maria Lucia Tiellet. II. Título.

**CDD 155.643**

### **Bibliotecária Responsável**

Isabel Merlo Crespo  
CRB 10/1201

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**Juliane Callegaro Borsa**

**PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES ACERCA DE PROBLEMAS DE  
COMPORTAMENTO DOS FILHOS**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Tiellet Nunes**

Presidente

**Prof. Dr. César Augusto Piccinini**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Prof. Dr. Marco Antonio Pereira Teixeira**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Ao meu noivo Fábio, por ter me ensinado o real sentido da palavra 'incondicional'; por sempre ter acreditado e investido nas minhas potencialidades!*

*Aos meus pais Newton e Liane, por todo o amor e por todas às vezes e dias em que me lembrei deles e me senti a pessoa mais abençoada do mundo.*

*Aos meus irmãos Mauricio e Ariane, por representarem para mim aqueles de quem eu devo cuidar e para quem eu devo servir de exemplo.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Maria Lucia Tiellet Nunes, por todo o apoio, investimento e incentivo dedicado a mim, desde o primeiro dia em que cheguei ao grupo; por ter incentivado o gosto pela pesquisa e por sempre ter apostado e confiado em mim, como pessoa e como profissional.

Às minhas queridas colegas e amigas Elisabeth Kuhn Deakin, Marina Gastaud, Melissa dos Santos Alt e Milene Merg, por toda a ajuda e por terem tornado mais leves e alegres as minhas jornadas de 40 horas semanais no grupo de pesquisa.

Às queridas amigas Fernanda Grendene e Roselaine Berenice da Silva, por toda amizade e companheirismo, pelo *holding* e pela escuta que nunca faltaram.

Aos Bolsistas de Iniciação Científica Cristiane Feil, Fernando Basso, Rafaele Paniagua e Rodrigo Bispo, pelo carinho e pelo auxílio prestado nos mais diversos momentos desta trajetória. Em especial, meu agradecimento à Cristiane e à Rafaele, por terem sido amigas, parceiras e acima de tudo minhas grandes companheiras.

Às secretárias Inêz Giasson e Cláudia de Los Angeles Silveira, por toda ajuda e pelos tantos auxílios, que sempre vieram juntamente com muita disponibilidade e carinho.

A todos os meus colegas do grupo de pesquisa Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica pelo convívio e por todo o aprendizado.

**MUITO OBRIGADA!**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>08</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>09</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>I - ESTUDO DE REVISÃO DA LITERATURA:</b> Aspectos Psicossociais da Parentalidade e a Percepção de Pais e Mães acerca de Seus Filhos.....	<b>17</b>
<b>II - ESTUDO EMPÍRICO:</b> Concordância entre Respostas de Pais e Mães aos Problemas de Comportamento Infantil através do CBCL.....	<b>38</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO</b> .....	<b>66</b>
<b>ANEXO:</b> Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.....	<b>68</b>

## RESUMO

A presente dissertação de Mestrado é composta por dois estudos, seguindo as normas do programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. O primeiro estudo é uma revisão de literatura intitulada **Aspectos Psicossociais da Parentalidade e a Percepção de Pais e Mães acerca de Seus Filhos**, que teve por objetivos: 1) discutir os papéis exercidos por homens e mulheres no âmbito familiar; 2) discutir a relação pais-filhos/as e mães-filhos/as e 3) discutir as possíveis diferenças na maneira com que pais e mães percebem e se pronunciam sobre seus/suas filhos/as, especificamente sobre suas características de comportamento. Foi realizada uma busca nas bases de dados SciELO, Lilacs, Medline e PsycINFO para verificar o número de estudos recuperados sobre maternidade e paternidade, sendo que o número de estudos sobre maternidade é três vezes maior que o número de estudos sobre paternidade, o que confirma ser, ainda hoje, o papel materno mais valorizado que o papel paterno, quando se trata da relação parental e desenvolvimento infantil. Ainda, este estudo apresenta os aspectos sociais e culturais intrínsecos nos papéis desempenhados por homens e mulheres na família e que influenciam na maneira como exercem seus papéis parentais e, conseqüentemente, na maneira que percebem e se pronunciam sobre seus/suas filhos/as. O segundo estudo, **Concordância entre Respostas de Pais e Mães aos Problemas de Comportamento Infantil através do CBCL**, teve como objetivo verificar a concordância entre as respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de seus/suas filhos/as a partir do *Child Behavior Checklist* (CBCL). Os resultados demonstram que pais e mães perceberam seus/suas filhos de forma distinta e, conseqüentemente, apresentaram concordância baixa a moderada quando solicitados a se pronunciarem, via CBCL, sobre seus/suas filhos/as. Esse fato é discutido à luz do contexto social e cultural que trata sobre os distintos papéis de pais e mães, no que diz respeito ao cuidado da prole, corroborando os achados da literatura internacional.

**Palavras-chave:** Parentalidade; Pai; Paternidade; Mãe; Maternidade; CBCL; Informantes; Problemas Comportamento Infantil.

### Área conforme classificação do CNPq

7.07.00.00-1 (Psicologia)

### Sub-área conforme classificação CNPq

7.07.10.00-7 (Tratamento e Prevenção Psicológica)

7.07.07.00-6 (Psicologia do Desenvolvimento Humano)



## ABSTRACT

This paper follows the rules proposed by the Graduate Program in Psychology at PUCRS and is divided in two studies. The first study, untitled **Psychosocial aspects of parenting and the father's and mother's perception about their Children**, reviews the literature about the psychosocial aspects of parenting as well as the father and mother's perception about their children. The study aims to: 1) discuss the different roles played by the man and the woman in the family; 2) discuss the parent-child relationship and 3) discuss the differences in terms of father's and mother's understanding about their children behavior. To identify relevant studies it was carried out a search in the standard computerized databases such as SCIELO, LILACS and PsycINFO. The key terms used were motherhood and fatherhood. There are three times more studies about motherhood than fatherhood, revealing that despite the advances in the modern world, the mother still plays an essential part in issues related to parenting and child development. Furthermore, this study presents the intrinsic role played by the man and the woman in the family and how they influence their parenting skills and consequently, the way they perceive and pronounce themselves about their children. The second study is untitled **Agreement between Fathers and Mother's Report to Children Behavior Problems through the CBCL**, aimed to verify the agreement between the mothers' and fathers' reports about their children behavior through the Child Behavior Check List (CBCL). The results show that fathers and mother's perception about their children had low to moderate agreement when asked to report about their children behavior. The cultural and social aspects of the results were discussed as well as the different roles played by the man and the woman, regarding to parenting, confirming the findings of the international literature about the subject.

**Key-Words:** Parenting; Father; Fatherhood; Mother; Motherhood; CBCL; Informants; Child Behavior Problems.

## APRESENTAÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado foi desenvolvida no grupo de pesquisa “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica”, coordenado pela professora Maria Lúcia Tiellet Nunes, vinculado à linha de pesquisa Intervenções Psicoterapêuticas do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. O tema central desta dissertação é a relação entre pais e filhos/as e mães e filhos/as, e as diferenças existentes na maneira com que pais e mães exercem seus papéis parentais e, especificamente, como percebem e se pronunciam sobre os problemas de comportamento de seus/suas filhos/as.

O interesse por investigar esse tema iniciou com a prática clínica, através do trabalho de psicoterapia infantil de orientação analítica, que entende a presença de pai e mãe como elementos fundamentais no processo terapêutico (Abestastury, 1982; Coppolillo, 1990). Ainda, a possibilidade de investigação no âmbito da Avaliação Psicológica, especificamente com instrumentos padronizados para múltiplos informantes (pais, mães e outros), viabilizou a possibilidade de realizar este estudo. A oportunidade de investigar esse tema no Mestrado surgiu através da proposta do grupo de pesquisa para trabalhar com o instrumento de avaliação *Child Behavior Checklist* (CBCL), em português, Lista de Verificação Comportamental para Crianças ou Adolescentes. O CBCL passou a ser, então, a ferramenta para verificar e medir as concordâncias nas respostas fornecidas por pais e mães aos problemas de comportamento de seus/suas filhos/as.

Dentre as diversas particularidades da psicoterapia infantil, algumas delas estão relacionadas ao fato da criança não chegar sozinha ao consultório, ou seja, ela chega através do pai e/ou da mãe (Aberastury, 1982; Coppolillo, 1990). E são esses que irão

relatar parte do *quantum* de informações necessárias para o entendimento do caso, seja na entrevista inicial, seja ao longo do processo terapêutico. São os pais e mães, ainda, os responsáveis pela manutenção da psicoterapia dos seus/suas filhos/as.

No contexto da psicoterapia, a opinião do pai e da mãe acerca do motivo da busca por atendimento, bem como acerca da real importância do atendimento para sua criança é extremamente importante para o processo terapêutico. Nesse sentido, torna-se relevante compreender, por exemplo, se esse pai e essa mãe possuem opiniões semelhantes ou se discordam sobre a maneira como percebem o/a filho/a.

Sabe-se que as relações entre pais e filhos/as e mães e filhos/as são qualitativa e quantitativamente distintas. Essas diferenças são influenciadas, dentre outros fatores, pelos aspectos sociais e culturais que historicamente vêm determinando o lugar de homens e mulheres no âmbito familiar, atribuindo à mulher o papel de cuidadora principal da prole e do lar, deixando o homem como coadjuvante nestes cuidados (Rocha-Coutinho, 2003; Gomes & Resende, 2004; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004). Outros aspectos relativos ao âmbito privado, como a saúde mental dos pais e mães e a qualidade da relação conjugal também influenciam na maneira com que homens e mulheres exercem seus papéis parentais (Hay, Sharp, Pawlby & Schmücker, 1999; Margolin, Gordis & John, 2001; Talbot e McHale, 2004; Braz, Dessen & Silva, 2005).

As diferentes formas de exercício da parentalidade, por parte de homens e mulheres, implicam em diferentes formas de perceber e se pronunciar sobre suas crianças. Pesquisas apontam que as percepções de pais e mães tendem a ser distintas (Phares, 1997; Hay et al., 1999; Duhig et al., 2000): quando solicitados a se pronunciarem sobre suas crianças, especificamente sobre suas características e seus problemas de comportamento, pais e mães apresentam nível de concordância baixo a moderado (Achenbach,

McConaughy & Howel, 1987; Hay et al., 1999; Duhig et al., 2000; Achenbach, 2006), ou seja, não concordam ou concordam pouco entre si sobre a criança avaliada.

Contudo, mesmo se tratando de um tema relevante, seja pela sua importância para o entendimento das características da parentalidade e gênero, seja pela sua implicação prática no processo de conhecimento, avaliação e tratamento de crianças, não foram encontrados (nas bases de dados) estudos brasileiros semelhantes, com o objetivo de verificar as diferenças de pronunciamento de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de suas crianças.

Para a realização dessa dissertação foi elaborado inicialmente um projeto de pesquisa intitulado *As Diferenças de Percepção de Pais e Mães sobre o Comportamento de um mesmo Filho*. Esse projeto foi apresentado para a Comissão Científica da Faculdade de Psicologia e para o Comitê de Ética em pesquisa da PUCRS, tendo sido aprovado com o número de registro 06/03496 (Anexo I).

A dissertação é composta por um estudo de revisão de literatura e um estudo empírico, de acordo com a Resolução nº. 002/2007, de 06/11/2007, do Programa de Pós Graduação em Psicologia, que se refere à exigência de elaboração de um estudo de revisão de literatura pertinente ao tema a ser pesquisado e, pelo menos, um estudo decorrente de pesquisa empírica sobre o mesmo tema.

O estudo de revisão de literatura é intitulado **Aspectos Psicossociais da Parentalidade e a Percepção de Pais e Mães acerca de seus Filhos** e tem como objetivo discutir a relação pais-filhos/as e mães-filhos/as à luz dos aspectos sociais e culturais que, por sua vez, implicam no exercício da parentalidade. Esse estudo objetivou, ainda, discutir as possíveis diferenças na maneira com que pais e mães percebem e se pronunciam sobre seus/suas filhos/as, especificamente sobre suas características de comportamento. Para compor os dados necessários para a compreensão da idéia proposta, foi realizada uma

busca nas bases de dados SciELO, Lilacs, Medline e PsycINFO, com o objetivo de verificar o número de estudos recuperados sobre maternidade e paternidade. Constatou-se que o número de estudos sobre maternidade é três vezes maior que o número de estudos sobre paternidade, o que confirma que, ainda hoje, o papel materno é mais valorizado que o papel paterno, quando se trata da relação parental e desenvolvimento infantil.

O estudo empírico é intitulado **Concordância entre Respostas de Pais e Mães aos Problemas de Comportamento Infantil através do CBCL**, e teve como objetivo verificar a concordância entre as respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de seus filhos, a partir do *Child Behavior Checklist* (CBCL). Trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal, descritiva, de medida única, para avaliar a concordância entre grupos. O estudo foi realizado com 146 casais, pais e mães de crianças de 6 a 10 anos, matriculadas em escolas do bairro Petrópolis de Porto Alegre/RS. O instrumento utilizado nesse estudo foi o CBCL para a faixa etária de 6 a 18 anos (Achenbach, 2001), traduzido para o português como Lista de Verificação Comportamental para Crianças ou Adolescentes (Santos & Silveiras, 2006), entregue para ser respondido pelos pais e pelas mães. A análise das respostas ao CBCL foi realizada a partir do *Software Assessment Data Manager* (ADM), programa desenvolvido para correção do CBCL. Os resultados oferecidos pelo ADM foram analisados através do programa estatístico *SPSS for Windows* versão 11. A análise de concordância entre as respostas de pais e mães foi realizada através da medida Kappa. As respostas dadas pelos pais e mães ao CBCL apontam se a criança está na faixa Clínica ou Não-Clínica nas Escalas de Problemas de Comportamento e de Competência Social. A medida Kappa, a partir das escalas do CBCL ‘Competência Social Total’, ‘Problemas de Comportamento Internalizante’, ‘Problemas de Comportamento Externalizante’ e ‘Problemas Totais de

Comportamento', aponta nível de concordância baixo a moderado entre as respostas de pais e mães.

Assim, a presente Dissertação de Mestrado cumpriu a proposta inicial do projeto de pesquisa apresentado à Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.

## Referências

- Aberastury, A. (1982). **Psicanálise da criança: teoria e técnica** (8a. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Achenbach T.M. (2001). **Manual for the Child Behavior Checklist/6-18 and 2001 Profile**. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Achenbach, T.M. (2006). As Others See Us – Clinical and Research Implications of Cross-Informant Correlations for Psychopathology. **Current Directions in Psychological Science**, 15, Issue 2, Apr., 94-98.
- Achenbach, T.M.; McConaughy, S.H. & Howell, C.T. (1987). Child/adolescent behavioral and emotional problems: Implications of cross-informant correlations for situational specificity. **Psychological Bulletin**, 101, 213-232.
- Braz, M.P.; Dessen, M. A. & Silva, N.L.P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18, n.2, 151-161.
- Coppolillo, H. (1990). **Psicoterapia Psicodinâmica de Crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Duhig, A.M.; Renk, K.; Epstein, M.K. & Phares, V. (2000). Interparental Agreement on Internalizing, Externalizing and Total Behavior Problems: A Meta-analysis. **Clinical Psychology: Science and Practice**, 7, nº4, 435-453.
- Gomes, A.J.S. & Resende, V.R. (2004). O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 20, nº2, 119-125.
- Hay, D.F.; Sharp, D.; Pawlby, S. & Schmücker, G. (1999). Parent's Judgements About Young Children's Problems: Why Mothers and Fathers Might Disagree Yet Still Predict Later Outcomes. **J. Child Psychol. Psychiat.**, 40, nº8, 1249-1258.
- Margolin. G.; Gordis, E.B. & John R.S. (2001). Coparenting: A Link Between Marital Conflict and Parenting in Two Parent-Families. **Journal of Family Psychology**, 15, nº1, 3-21.
- Phares, V. (1997). Accuracy of Informants: Do Parents Think That Mother Knows Best? **Journal of Abnormal Child Psychology**, 25(2), 165-171.
- Piccinini, C.A.; Silva, M.R.; Gonçalves, T.R.; Lopes, R.S. & Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno Durante a Gestação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(3), 303-314.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, 15, nº2, 93-107.

Santos, E.O.L.; Silves, E.F.M. (2006), Crianças Enuréticas e Crianças Encaminhadas para Clínicas-Escola: Um Estudo Comparativo da Percepção de seus Pais, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19(2), 277-282.

Talbot, J.A. & McHale, J.P. (2004). Individual Parental Adjustment Moderates the Relationship Between Marital and Coparenting Quality. **Journal of Adult Development**, 11, nº3.



**ESTUDO DE REVISÃO DA LITERATURA**

**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA PARENTALIDADE E A PERCEPÇÃO DE PAIS  
E MÃES ACERCA DE SEUS FILHOS**

**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA PARENTALIDADE E A PERCEPÇÃO DE PAIS  
E MÃES ACERCA DE SEUS FILHOS**

**PSYCHOSOCIAL ASPECTS OF PARENTING AND THE FATHER'S AND  
MOTHER'S PERCEPTION ABOUT THEIR CHILDREN**

**RESUMO**

O presente estudo é uma revisão da literatura sobre os aspectos psicossociais da parentalidade, especificamente sobre as diferenças na percepção que pais e mães possuem sobre seus filhos. Considerando a ênfase atribuída ao papel da mãe, em detrimento do papel do pai, foi realizado um levantamento dos estudos sobre maternidade e paternidade, comprovando que, ainda hoje, os estudos sobre a relação mãe-filhos/as são mais abundantes que os estudos sobre pais-filhos/as, o que reforça a idéia construída socialmente que as crianças devem ser cuidadas pelas mães e não pelos pais. Tal concepção, construída ao longo da história, acaba por diferenciar a maneira com que pais e mães se relacionam com suas crianças. Essas diferenças, por sua vez, podem influenciar na maneira com que pais e mães irão interagir, perceber e se pronunciar sobre seus/suas filhos/as.

**Palavras-chave:** Parentalidade; Paternidade; Maternidade; Pai; Mãe.

**ABSTRACT**

This study reviews the literature regarding the psychosocial aspects of parenting, specifically the differences between fathers and mother's perception about their children. The emphasis is given to the mother's role rather than the father's role. It was carried out a survey of studies regarding Motherhood and Fatherhood, confirming that, even today, there are many more studies about mother-child relationship than studies about father-child relationship, which reinforces the socially constructed idea that children must be cared by mothers and not by fathers. This conception, which is historically based, differentiate the relationship established by the fathers and mothers with their children. These differences may influence the way fathers and mothers interact, understand and make reports about their children.

**Key-Words:** Parenting; Fatherhood; Motherhood; Father; Mother.

## **Introdução**

O conceito comumente utilizado de família é oriundo de diversos aspectos sociais e culturais que se apresentam de maneiras diferentes sendo, portanto, instáveis (De Marque, 2006). Embora não exista uma única definição sobre família, é importante salientar que os conceitos comumente trazidos estão diretamente relacionados ao modelo da família ocidental. Para Lévi-Strauss (1972), do ponto de vista antropológico, o termo família é utilizado para definir um grupo social originado no casamento, constituído por marido, esposa e pelos filhos provenientes de sua união, configurada a partir de três tipos de relações: aliança entre o casal (casamento ou legalização conjugal), filiação e consangüinidade. Segundo a concepção sistêmica de Minuchin (1982), a família é um grupo social cujos membros estão em constante interação entre si e com o ambiente, delineando, assim, o seu comportamento.

O modelo da família nuclear, constituído por pai, mãe e filhos/as, tem sido privilegiado na concepção construída, historicamente, sobre o grupo familiar - concepção prevalente que corresponde ao modelo hegemônico da família burguesa, monogâmica e patriarcal (Szymanski, 1994). Nesse modelo a mulher sempre ocupou um lugar fundamental, através do papel da maternidade, como um elemento agregador imprescindível para a sobrevivência da família (Flandrin, 1992; Duarte, 1995; Favaro, 2007).

O papel da maternidade atribuído à mulher, ainda se constitui como a sua identidade principal, foi impulsionado, ao longo dos tempos por diversos aspectos sociais, políticos, culturais e religiosos (Costa, 1979; Àries, 1981; Leite, 1994). Em função disso, o homem foi apoiado pela cultura ocidental que, sendo patriarcal, lhe reservou um lugar distante do contexto doméstico constituído, sobretudo, pela mulher e a criança (Gomes & Resende, 2004).

Esse contexto acabou por contribuir para que as relações entre pais e filhos/as e mães e filhos/as se tornassem quantitativa e qualitativamente diferentes; em função disso, também é diferente a percepção<sup>1</sup> que pais e mães possuem sobre as mais diversas características de seus/suas filhos/as.

Apesar das mudanças ocorridas na família, as diferenças de papéis entre homens e mulheres ainda é uma realidade. Pesquisas apontam que pais tendem a perder qualidade em suas informações quando solicitados a se reportarem sobre seus/suas filhos/as, pois comumente são mais ausentes que as mães e passam menos tempo em contato com eles (Achenbach, 1992; Seiffge-Krenke & Kollmar, 1998; Treutler & Epkins, 2003).

Este estudo tem como objetivo discutir a relação pais-filhos/as e mães-filhos/as, à luz dos aspectos sociais e culturais que implicam no exercício dos papéis exercidos por homens e mulheres no âmbito familiar e, sobretudo, no exercício da parentalidade. Por fim, serão discutidas as possíveis diferenças na maneira que pais e mães percebem e se reportam sobre seus/suas filhos/as, especificamente sobre suas características de comportamento.

---

<sup>1</sup> Percepção é a função de captação de informação dos acontecimentos dos meios exteriores e internos através de mecanismos sensoriais. Não se trata apenas do simples registro do real, mas, sim, de um recorte seletivo da realidade onde informações são incluídas, outras excluídas. Inúmeros fatores estão envolvidos no processo de percepção; dentre eles as condições neurofisiológicas da transmissão da informação. A expressão é ainda entendida como a capacidade de perceber o mundo social e está relacionada à maneira como o indivíduo explica, por meio de fatores de disposição (internos) ou situacionais (externos), os acontecimentos dos quais ele é autor ou observador (Doron & Parot, 1998). Quando se fala da percepção dos pais em relação a filhos/as, fala-se da maneira com que os observam e consequentemente os percebem. A diferença nesta percepção pode ser avaliada quando pais e mães se pronunciam sobre filhos/as através de métodos de investigação destinados para estes fins.

## **Concepções sobre o papel parental de homens e mulheres**

Na família ocidental, os papéis de homens e mulheres têm sido diferentes e estas diferenças se evidenciam, por exemplo, no fato de que o trabalho doméstico e o cuidado da prole continuam sendo atribuídos à mulher (Rocha-Coutinho, 2003; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004).

Nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, o lugar do pai tem sido pouco discutido e esta realidade se repete no imaginário social acerca dos papéis de homens e mulheres no cuidado e na interação com suas crianças. Esta conjuntura cultural e social acaba por contribuir para que exista maior interesse no estudo sobre o tema ‘mãe/maternidade’ em detrimento do tema ‘pai/paternidade’. Em um levantamento realizado por Levandowski (2001), verificou-se que o número de artigos sobre maternidade é três vezes maior que o número de artigos sobre paternidade, considerando os achados internacionais publicados na década de 90.

A paternidade comumente tem sido colocada em segundo plano quando comparada ao interesse dos pesquisadores pelo tema da maternidade (Lamb, 1975; Levandowski, Koller & Piccinini, 2002). Contudo, nas últimas décadas, os estudos sobre a paternidade vêm considerando a relevância da relação pai-filho/a, apontando para a importância de conhecer e compreender o lugar de um pai cuidador e participativo. Esses novos estudos vêm sendo incentivados por um crescimento da popularidade do papel paterno como figura importante e única no desenvolvimento infantil (Resende & Alonso, 1995).

Os pais vêm afirmando o interesse de maior participação no cuidado e na criação dos/as filhos/as; como reflexo, os pesquisadores passaram a prestar mais atenção no papel do pai na família contemporânea (Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006; Parke, 1998).

No entanto, apesar do crescente interesse pelo tema da paternidade, no levantamento realizado pela autora, em dezembro de 2007, nas bases de dados SciELO, Lilacs, Medline e PsycINFO, sem delimitar o período inicial para a busca, com os descritores ‘Mãe/Mother’, ‘Maternidade/Motherhood’, ‘Pai/Father’ e ‘Paternidade/Fatherhood’, foi recuperado o seguinte número de artigos sobre maternidade e paternidade (Tabela I):

**TABELA I: Levantamento dos estudos sobre Paternidade e Maternidade**

<i>Descritores / Bases de Dados</i>	<i>Estudos sobre Maternidade</i>	<i>Estudos sobre Paternidade</i>	<i>Total de Estudos</i>
SciELO	1.815	467	<b>2.282</b>
Lilacs	5.826	2.198	<b>8.024</b>
Medline	102.957	30.954	<b>133.911</b>
PsycINFO	44.840	18.072	<b>62.912</b>
<b>Total</b>	<b>155.438</b>	<b>51.691</b>	<b>207.129</b>

Fonte: A autora.

Tanto os descritores em português como os descritores em inglês apontam para a existência de três vezes mais publicações sobre mães e maternidade do que sobre pais e paternidade, apontando para uma congruência com os achados trazidos no estudo brasileiro de Levandowski (2001). Do mesmo modo, são abundantes os estudos sobre a relação mãe-filho/a, nas mais diversas teorias, ao passo que existem, ainda, poucos estudos sobre a relação da criança com o pai, bem como com outros cuidadores (Mora, Otálora & Recagno-Puente, 2005; Kerr, Lunkenheimer & Olson, 2007).

Conforme mencionado anteriormente, a cultura determinou, ao longo da história, os papéis de homens e mulheres na família; nesse contexto, tornou-se relevante compreender essas relações e os aspectos emocionais envolvidos (Badinter, 1985; Rocha-Coutinho, 2003; Mora et al., 2005). Estudos sobre a importância do papel materno para o desenvolvimento infantil, sobretudo nos primeiros anos de vida, vieram dar conta de uma realidade existente e imperativa, ao mesmo tempo reforçando-a.

A ciência da Psicologia fomentou, ao longo do tempo, a ênfase na relação da díade mãe-criança como primordial nos estudos de desenvolvimento da criança. Sendo atribuída menor importância ao pai no que tange ao desenvolvimento infantil, as teorias da Psicologia acabaram por se ajustar ao tradicional conceito de um pai ausente e distante (Parke, 1998). Dentre as suas diversas correntes teóricas, a produção psicanalítica muito contribuiu para fazer da mãe o personagem determinante da saúde ou da doença psíquica da criança (Grant, 2001). Dentre os autores que contribuíram para essa idéia, é possível destacar Winnicott, Spitz e Bowlby. Advindos da teoria psicanalítica, esses autores trataram sobre a relação materno-infantil, conferindo especial atenção às primeiras vivências e à formação do vínculo entre a mãe e o bebê, das quais emergem as relações posteriores da criança (Borsa, 2007).

Entende-se que é através da presença de uma mãe continente, cuidadosa e flexível que a criança pode iniciar um processo de desenvolvimento saudável. Essa concepção, advinda da teoria de Winnicott, ilustra a relevância do papel da mãe no desenvolvimento saudável do bebê. Para esse autor, quando o cuidado materno apresenta falhas que estabeleçam carências que não são corrigidas, o bebê poderá ter um comprometimento na constituição de sua subjetividade devido a esta deficiente relação materna (Winnicott, 1958/2000; 1965/2001; 1987/1998).

É na tentativa de qualificar a relação mãe-bebê e, sobretudo, enfatizar o papel da mãe no desenvolvimento infantil que Winnicott (1965/2001) propõe o conceito de “Preocupação Materna Primária” (p 21), ao caracterizar a atenção e o cuidado que a mãe dedica ao seu bebê. Esse conceito diz respeito ao estado psíquico atingido pela mãe saudável, colocando-a em posição de oferecer um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento das potencialidades inatas do bebê. Também sobre esta capacidade emocional da mãe, Spitz (1965/2000) traz o conceito de “Clima Emocional Favorável”

(p.99), construído a partir da dedicação, do amor e do afeto da mãe para com o seu bebê, o qual é fundamental para o desenvolvimento deste. Para o autor, são os sentimentos maternos em relação ao filho que criam esse clima emocional, que servirá para orientar os afetos do bebê, conferindo-lhe qualidade de vida.

Por último, ao encontro das concepções de Winnicott e Spitz sobre a relação mãe-bebê, Bowlby (1989) aponta que as crianças que obtiveram um apego seguro com suas mães tendem a se tornar indivíduos sociáveis e autoconfiantes. Porém, as crianças que não estabeleceram uma relação de apego satisfatória tendem a se tornar emocionalmente afastadas, ou mesmo hostis. De acordo com o autor, a interação do bebê com a mãe é a que exerce a maior influência no seu desenvolvimento, considerando que em todas as culturas conhecidas, a grande maioria das crianças interage mais com a mãe do que com o pai.

Esses autores ilustram a concepção de que é esperada uma dedicação intensa ao bebê por parte da mãe, construída a partir de um amor incondicional, e que serve como base para um desenvolvimento saudável da criança ao longo de toda a vida. No entanto, apesar do apoio da literatura, a idéia da presença onipotente e do amor incondicional da mãe é passível de discussões.

Para as psicanalistas Badinter (1985) e Chodorow (1990), o amor materno é resultado de uma construção social e cultural, nada tendo a ver com instinto, fator sanguíneo ou um determinismo da natureza. Os argumentos de Badinter (1985) mostram que o mito do amor materno é recente. Nem sempre a maternidade teve o significado que possui nos dias atuais. Anteriormente, a mãe tinha uma função mais biológica que afetiva, ficando as crianças à cargo de outros cuidadores que lhes garantiam a sobrevivência física e emocional. A crença do amor materno instintivo e incondicional trouxe importantes conseqüências no exercício da convivência entre pais e filhos/as que persistem até os dias



de hoje. Por diferentes razões, ainda hoje, pais e mães encontram dificuldades em abdicar da idéia da figura materna centralizadora e onipresente.

Para Chodorow (1990), a idéia da maternidade se dá através de processos psicológicos induzidos e reproduzidos socialmente. A autora sugere uma nova dinâmica na família, na qual as crianças poderiam estabelecer, desde o início, uma relação de igual dependência tanto com o pai como com a mãe.

De acordo com Gomes e Resende (2004), embora exista a valorização do papel materno, em detrimento do papel paterno, o que se sabe, contudo, é que a criança parece necessitar do par conjugal para construir dentro de si a imagem positiva das trocas afetivas e da convivência. Ao mencionar a denominação ‘par conjugal’ torna-se necessário apresentar o conceito de coparentalidade, que se refere aos papéis de pais e mães exercidos em conjunto. O conceito de parentalidade advém da teoria sistêmica e considera a relação pais-mães-filhos/as. Consiste em um complexo sistema relacional de práticas e de modos subjetivos através dos quais homens e mulheres criam os seus/as filhos/as (Nudler & Romaniuk, 2005). A coparentalidade considera o relacionamento conjugal e a parentalidade uma vez que o primeiro influencia no segundo (Margolin, Gordis & John, 2001; Talbot & McHale, 2004). Esse conceito entende as figuras do pai e da mãe em exercício conjunto das suas funções parentais.

Apesar da participação de pais e mães ser considerada igualmente importante na criação da prole, a responsabilidade pelo cuidado destes ainda é vista, por homens e mulheres, como uma relação assimétrica em que ao homem parece ser destinado apenas um papel coadjuvante. Em função da relação biológica da mulher com a maternidade, que envolve a gravidez e a amamentação, a mãe é vista como a mais indicada para cuidar da prole (Rocha-Coutinho, 2003).

Para Mora et al. (2005), a supervalorização do papel materno impede, de certa forma, que os pais assumam as funções parentais. Uma vez cedido o espaço exclusivo atribuído às mães, os pais poderiam adquirir maior proximidade com os/as filhos/as e nesta perspectiva, haveria uma distribuição mais equilibrada dos papéis maternos e paternos.

Contribuição importante sobre esse aspecto é trazida por Ramires (1997). Para a autora existe no imaginário social a imagem de que a relação pai e filho/a depende e é oportunizada pela mãe. Os pais ainda conservam a idéia acerca da maior importância da relação mãe e filho/a em detrimento da relação pai e filho/a. As mães, por sua vez, apresentam certa resistência em abrir mão do “monopólio da maternidade” (p. 94), já que se trata de uma função feminina importante e socialmente valorizada. Em outras palavras, de acordo com a autora, ao mesmo tempo em que as mulheres reivindicam maior participação dos homens nas tarefas domésticas e cuidados dos/as filhos/as, elas ainda demonstram resistência e ambivalência quanto a dividir e compartilhar com o pai de sua criança.

### **O papel de pais e mães na família contemporânea**

Apesar de tidas como tradicionais, as funções parentais de homens e mulheres nem sempre foram entendidas da maneira como são hoje. A atribuição da função de provedor ao pai, bem como a glorificação da maternidade são relativamente recentes, reforçadas especialmente no século XVIII e XIX. Antes disso, o cuidado da prole era apenas uma das tantas tarefas atribuídas à mulher que, assim como o homem, era responsável pelo provimento da família (Badinter, 1985; Rocha-Coutinho, 2003).

Até meados do século 50, o pai era considerado responsável pelo sustento da família, enquanto que a mãe era responsável pelas atividades domésticas e pelo cuidado da prole. Este modelo de organização familiar permanece até hoje, porém trata-se de um

cenário que vem sendo modificado pelas transformações que a família vem sofrendo ao longo do tempo (Lamb, 1975; Parke, 1998; Crepaldi et al., 2006).

Inúmeras mudanças ocorridas no século XX, decorrentes de movimentos sociais como o movimento feminista, alteraram a identidade e o lugar da mulher na família que, por sua vez, vêm sofrendo constantes mudanças nas suas configurações (Badinter, 1985; Rocha-Coutinho, 2003; De Marque, 2006).

No século XXI, observa-se que homens e mulheres estão abrindo mão, em certa medida, da oposição ‘masculino e feminino’, contribuindo para o estabelecimento de novas formas de relações no contexto sócio-familiar contemporâneo (Negreiros & Féres-Carneiro 2004). Com a entrada mais maciça das mulheres no mercado de trabalho e sua maior participação no sistema financeiro familiar, já é possível perceber uma relativa divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham aspectos referentes às tarefas educativas dos filhos e à organização do dia-a-dia da família (Fleck & Wagner, 2003; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

Segundo Levandowski et al. (2002), estas mudanças, muitas vezes, remetem os homens ao exercício de funções do cuidado da prole e com a casa, que antes era de domínio da mulher. As mudanças nos tradicionais papéis socializadores da família têm gerado um aumento de interesse sobre a paternidade em nível mundial e apontam para importância do pai para a família e, especificamente, para o desenvolvimento da criança.

Contudo, apesar das mudanças relativas à família contemporânea, a tarefa de acompanhar o cotidiano das crianças ainda é atribuída à mãe e não ao pai (Wagner et al., 2005). Nos tempos atuais, o lugar de homens e mulheres no âmbito familiar ainda parece definido pelos moldes arcaicos: às mulheres cabe o cuidado da prole, aos homens o papel coadjuvante nesses cuidados. Estudos realizados em diferentes países, inclusive no Brasil, apontam para o fato de que tanto os homens como as próprias mulheres ainda acreditam

que a casa e os filhos são responsabilidades da mulher, enquanto que o provimento financeiro da família é responsabilidade do homem (Rocha-Coutinho, 2003).

### **Como Pais e Mães percebem seus/suas filhos/as?**

Além dos aspectos sociais e culturais, são inúmeras as variáveis que podem interferir na maneira como homens e mulheres percebem seus/suas filhos/filhas e como interagem com eles/elas nos seus papéis parentais. Para Mora et al. (2005), não se sabe quais as motivações, no sistema familiar, que pais e mães possuem para exercer a parentalidade; da mesma forma, não se pode afirmar acerca das reais motivações que, em nível subjetivo, estão em jogo e que significados se constroem ao redor dos papéis paternos e maternos.

Quanto à dificuldade existente para atribuir um lugar à figura paterna, Tubert (citado por Mora et al., 2005) afirma que a paternidade é uma construção cultural que não se pode compreender sem uma articulação com a maternidade, no sistema parental e no universo simbólico da cultura em que se está inserido. As diferentes formas de parentalidade e suas mudanças ao longo do tempo estão associadas ao conceito e às mudanças relativas à idéia de masculino e feminino. Assim, o conceito de parentalidade não pode ser definido sem considerar o seu contexto relacional (Nudler & Romaniuk, 2005).

Da mesma forma, a maternidade e a paternidade são construções de múltiplos significados para homens e mulheres. À complexidade da origem dos significados atribuídos ao/a filho/a, são agregados outros elementos familiares, sociais e culturais e todos esses elementos agem conjuntamente. Através das simbolizações e experiências cotidianas dos diferentes membros da família é que surge um conjunto de expressões cujo sentido dá forma à relação, na qual é permitido significar o/a filho/a com diversas matizes,

dependendo da voz que fala, o pai ou a mãe (Mora et al., 2005). Em função disso, são freqüentes as diferenças na maneira com que pais e mães percebem suas crianças.

Muitos estudos vêm sendo realizados na tentativa de compreender as diferenças na maneira com que pais e mães observam, percebem e se pronunciam sobre suas crianças. Essa compreensão permite olhar as relações entre pais, mães e filhos/as a partir de diversos aspectos: psicossociais, histórico-culturais, ecológico-sistêmicos, etc. Do mesmo modo, alguns autores trabalham na tentativa de medir essas diferenças através de instrumentos de avaliação capazes de demonstrar esses dados (Achenbach, McConaughy & Howell, 1987; Duhig, Renk, Epstein & Phares, 2000; Kerr et al., 2007).

Segundo Achenbach (1992), diferenças na maneira como pais e mães percebem suas crianças podem ocorrer porque estes se deparam com diferentes exposições situacionais e diferentes graus de interação parental que são percebidos de acordo com o grau de *insight* de cada um, o que irá resultar em diferentes respostas quando solicitados a fornecerem informações sobre suas crianças. Em outras palavras, de acordo com o autor, as interações vivenciadas por pais e filhos/as e mães e filhos/as são únicas, o que pode fazer com que pai e mãe acrescentem informações adicionais, além das informações para as quais ambos concordam.

As características emocionais de pais e mães também são variáveis importantes a serem consideradas, pois estes trazem suas histórias de vida e suas particularidades para a dinâmica familiar. Pesquisadores mostram, por exemplo, que pais e mães depressivos percebem suas crianças como mais difíceis e problemáticas, e as criticam mais (Seiffge-Krenke & Kollmar, 1998). Do mesmo modo, as relações conjugais influenciam diretamente nas relações parentais. Casais que vivenciam um relacionamento feliz são mais carinhosos e apoiadores com suas crianças; quando esse relacionamento é insatisfatório, a percepção de pais e mães sobre os/as filhos/as e a relação entre eles tende a

ser menos positiva (Margolin et al., 2001; Braz, Dessen & Silva, 2005). Os autores Hay, Sharp, Pawlby e Schmücker (1999) encontraram associação entre a maneira com que pais e mães percebem suas crianças e a satisfação conjugal. No entanto, de acordo com Talbot e McHale (2004), existem poucos estudos tratando sobre a relação entre os aspectos emocionais individuais de homens e mulheres e sua implicação na relação parental.

Em um estudo realizado por Phares (1997), mães apresentaram maior precisão ao se pronunciarem sobre suas crianças, em comparação ao pronunciamento dos pais. A hipótese para esta diferença é que mães convivem mais tempo com os/as filhos/as, estando mais expostas às situações em que o comportamento pode ser observado. Outra hipótese está relacionada às diferentes maneiras com que as crianças tendem a se comportar na presença dos pais ou das mães que, por sua vez, irão observá-las e percebê-las de maneira distinta (Hay et al., 1999). Esse dado pode explicar, por exemplo, o fato das mães reportarem mais problemas de comportamento de filhos/as do que os pais (Duhig et al., 2000). Essa idéia está diretamente relacionada às atribuições sociais e culturais de homens e mulheres e corroboram a hipótese de que existem diferenças na maneira que pais e mães interagem e conseqüentemente percebem suas crianças.

A partir do estudo meta-analítico de Duhig et al. (2000), que objetivou analisar artigos sobre concordância entre respostas de pais e mães a um inventário para avaliar os problemas de comportamento infantil, foi concluído que pais e mães apresentam concordância moderada quanto às suas respostas ao tema. Estes achados também são encontrados em outros estudos semelhantes (Achenbach et al., 1987; Hay et al., 1999; Achenbach, 2006).

De acordo com Achenbach (2006), a concordância entre respostas de diferentes informantes tende a ser maior quando estes convivem em um mesmo ambiente - pais e mães têm maior concordância nas respostas, em relação às respostas de pais e professores,

por exemplo. No entanto, a concordância entre respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de suas crianças é considerada baixa, levando-se em conta que se trata da mesma criança, vista em situações semelhantes e em ambientes semelhantes.

Muitos fatores podem influenciar, de diferentes formas, as respostas fornecidas por pais e mães sobre suas crianças. As diferenças entre respostas de pais e mães podem ser afetadas, por exemplo, pela capacidade que cada informante tem de recordar sobre determinada informação relevante (Achenbach, 2006).

Treutler e Epkins (2003) sugerem que pais e mães são os melhores informantes para avaliar problemas emocionais e de comportamento de crianças. Contudo, mães costumam apresentar respostas mais precisas que os pais, quando solicitados a responder sobre os problemas de comportamento de suas crianças. Quando pais e mães respondem sobre os filhos a resposta dada pelas mães é mais confiável que aquela dada pelos pais. No entanto, poucas pesquisas têm sido conduzidas utilizando os pais como informantes (Achenbach et al., 1987), o que pode ser explicado pelo fato dos pais serem comumente mais ausentes que as mães e passarem menos tempo em contato com os/as filhos/as (Seiffge-Krenke & Kollmar, 1998).

A hipótese de que os pais passam menos tempo com os/as filhos/as está relacionada ao fato de que homens dedicam menos tempo às atividades domésticas do que as mulheres. Qualquer que seja a condição na família, as mulheres participam com mais intensidade e gastam um número maior de horas com tais atividades (Soares & Sabóia, 2007).

Em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, publicada no ano de 2007, nas chamadas famílias nucleares brasileiras, a realização dos afazeres domésticos está principalmente na mão das mulheres. Este estudo mostrou

alguns aspectos da desigualdade de gênero intrínseca no âmbito da família no que se refere à realização do trabalho doméstico e do cuidado da prole. Nos modelos contemporâneos de família nos quais os comportamentos sociais já sofreram grande influência das novas relações de gênero, ainda se confirma uma forte presença das mulheres como responsáveis no cuidado do lar e da prole (Soares & Sabóia, 2007). Assim, é possível compreender os diferentes lugares ocupados por homens e mulheres e seus diferentes papéis na família contemporânea.

### **Considerações Finais**

As diversas pesquisas sobre o tema da parentalidade apontam que as mães tendem a se envolver mais do que os pais nas tarefas do dia-a-dia junto à prole. Apesar de todas as mudanças ocorridas na sociedade e na família contemporânea, em que se observa um número crescente de pais buscando se adequar às demandas da realidade atual, ainda existe a crença de que a unidade mãe-filho/a é básica, universal e psicologicamente mais apropriada para o desenvolvimento saudável da criança do que a relação pai-filho/a (Rocha-Coutinho, 2003; Fleck & Wagner, 2003; Wagner et al., 2005).

Como foi possível compreender ao longo do texto, a literatura aponta que as concepções quanto ao lugar de homens e mulheres nas relações familiares são percebidas distintamente (Fleck & Wagner, 2003; Wagner et al., 2005), o que implicará em diferentes formas de interagir, perceber e se reportar sobre seus/suas filhos/as (Phares, 1997; Mora et al., 2005; Achenbach, 2006).

A concordância entre respostas de pais e mães quanto ao comportamento de suas crianças podem ser verificadas através de instrumentos padronizados de avaliação psicológica, denominados questionários ou *checklists*, destinados aos pais/mães e outros cuidadores. Diversos estudos sobre as diferenças e concordâncias nas respostas de pais e



mães, quando convidados a se reportar sobre suas crianças apontam para uma concordância de respostas baixa a moderada (Duhig et al., 2000; Achenbach, 2006). Estes achados sugerem que mesmo que pais e mães convivam com a mesma criança, em um mesmo ambiente, a qualidade da relação parental e a quantidade de tempo que cada um dedica aos/às filhos/as são diferentes.

A capacidade da criança de compreender um sofrimento psíquico é limitada. Seus problemas emocionais se expressam por meio de comportamentos desadaptados que dificilmente são associados pela própria criança a um sofrimento interno (Bird & Duarte, 2002). Neste contexto, clínicos e pesquisadores reconhecem que a avaliação mais adequada da criança requer a combinação de respostas de diferentes informantes, sendo fundamental agregar informações obtidas de pais e mães, além daquelas obtidas através da própria criança (Achenbach, 2006) e de outras fontes, como é o caso da escola.

Na avaliação psicológica e na própria psicoterapia com crianças, torna-se fundamental conhecer como pais e mães percebem suas crianças e como se reportem em relação aos seus problemas de comportamento e suas características de desenvolvimento. Cada resposta fornecida irá proporcionar diferentes e úteis informações sobre a criança, a partir de diferentes perspectivas. Não se trata de qualificar ou desqualificar as respostas fornecidas pelo pai ou pela mãe e sim utilizar as informações advindas em complementaridade. Nessa perspectiva, pais e mães devem ser ouvidos. No processo de conhecimento e reconhecimento da criança, todas as informações, quais sejam os informantes, devem ser consideradas.

## Referências

Achenbach T.M. (1992). **Manual for the Child Behavior Checklist/2-3 and 1992 Profile**. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach T.M. (2001). **Manual for the Child Behavior Checklist/6-18 and 2001 Profile**. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach, T.M. (2006). As Others See Us – Clinical and Research Implications of Cross-Informant Correlations for Psychopathology. **Current Directions in Psychological Science**, 15, Issue 2, Apr., 94-98.

Achenbach, T.M.; McConaughy, S.H. & Howell, C.T. (1987). Child/adolescent behavioral and emotional problems: Implications of cross-informant correlations for situational specificity. **Psychological Bulletin**, 101, 213-232.

Àries, P. (1981). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Badinter, E. (1985). **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Borsa, J.C. (2007). Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao Puerpério. **Revista Contemporânea**, Porto Alegre, n.º. 2, Abr./Mai./Jun. Disponível em: <[www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php](http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php)>. Acesso em 10 de Setembro de 2007.

Bowlby, J. (1989). **Uma base segura – aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: ArtMed.

Braz, M.P.; Dessen, M. A. & Silva, N.L.P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18, n.2, 151-161.

Chodorow, N. (1990). **Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Costa, J.F. (1979). **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal.

Crepaldi, M.A.; Andreani, G.; Hammes, P.S; Ristof, C.D. & Abreu, S.R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança segundo a concepção de mães. **Psicologia em Estudo**, 11, n.º3, 579-587, set/dez.

De Marque, C.R. (2006). **Construção de identidade e formação de vínculos, no processo psicoterapêutico de uma criança, em diferentes contextos familiares**. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 100p.

Duarte, L.F.D. (1995). Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In Ribeiro & A. C. T. Ribeiro (Orgs.). **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira** (pp. 27-41). São Paulo: Loyola.

Doron, R. & Parot, F. (1998). **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ática.

Duhig, A.M.; Renk, K.; Epstein, M.K. & Phares, V. (2000). Interparental Agreement on Internalizing, Externalizing and Total Behavior Problems: A Meta-analysis. **Clinical Psychology: Science and Practice**, 7, nº4, 435-453.

Favaro, C. (2007). Mulher e Família: Um Binômio (quase) Inseparável. In Strey, M. N.; Neto, J. A. S.; Horta, R. L. (Orgs.). **Família e Gênero** (pp.39-56). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Flandrin, J. (1992). **Família: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga**. Lisboa: Editorial Estampa.

Fleck, A.C. & Wagner, A. (2003). A Mulher Como a Principal Provedora do Sustento Econômico Familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 8, num. esp., 31-38.

Gomes, A.J.S. & Resende, V.R. (2004). O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 20, nº2, 119-125.

Grant, W.H. (2001). A maternidade, o trabalho e a mulher. *In*: Colóquio do Lepsi IP/FE-USP, 3, 2001, São Paulo. **Proceedings on line...** Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032001000300008&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300008&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em 09 de Setembro de 2007.

Hay, D.F.; Sharp, D.; Pawlby, S. & Schmücker, G. (1999). Parent's Judgements About Young Children's Problems: Why Mothers and Fathers Might Disagree Yet Still Predict Later Outcomes. **J. Child Psychol. Psychiat.**, 40, nº8, 1249-1258.

Kerr, D.C.R.; Lunkenheimer, E.S. & Olson, S.L. (2007). Assessment of child problem behaviors by multiple informants: a longitudinal study from preschool to school entry. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 48: 10, 967-975.

Lamb, M.E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. **Human Development**, 18, 245-266.

Leite, C.L.P. (1994). **Mulheres: muito além do teto de vidro**. São Paulo: Atlas.

Levandowski, D.C. (2001). Paternidade na Adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estudos de Psicologia**, 6(2), 195-209.

Levandowski, D.C.; Koller, S.H. & Piccinini, C.A. (2002). Paternidade na Adolescência e os Fatores de Risco e de Proteção para a Violência na Interação Pai-Criança. **Interações**, vol.VII, nº13, jan-jun.,77-100.

Lévi-Strauss, C. (1972). **As estruturas elementares do parentesco**. Rio de Janeiro: Vozes.

Margolin, G.; Gordis, E.B. & John R.S. (2001). Coparenting: A Link Between Marital Conflict and Parenting in Two Parent-Families. **Journal of Family Psychology**, 15, nº1, 3-21.

Minuchin, S. (1982). **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artmed.

Mora, L.; Otálora, C. & Recagno-Puente, I. (2005). Hombre y la Mujer Frente al Hijo: Diferentes Voces Sobre su Significado. **Psykhé**, 14, nº2, nov.

Negreiros, T.C.G.M. & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e Feminino na Família Contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, ano 4, nº1, 1º Semestre.

Nudler, A. & Romaniuk, S. (2005). Prácticas y Subjetividades Parentales: Transformaciones e Inercias. **Revista La Ventana** (México), nº 22.

Parke, R. (1998). **El Papel del Padre**. Madrid: Morata.

Phares, V. (1997). Accuracy of Informants: Do Parents Think That Mother Knows Best? **Journal of Abnormal Child Psychology**, 25(2), 165-171.

Piccinini, C.A.; Silva, M.R.; Gonçalves, T.R.; Lopes, R.S. & Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno Durante a Gestação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(3), 303-314.

Ramires, V.R. (1997). **O Exercício da Paternidade Hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Resende, A.L.M. de & Alonso, I.L.K. (1995). O perfil do pai cuidador. **Rev. Bras. de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 5 (1/2), 66-81.

Rocha-Coutinho, M.L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, 15, nº2, p. 93-107.

Seiffge-Krenke, I. & Kollmar, F. (1998). Discrepancies between Mother's and Fathers' Perceptions of Sons' and Daughters' Problem Behavior: A Longitudinal Analysis of Parent-Adolescent Agreement on Internalising and Externalising Problem Behavior. **J. Child Psychol. Psychiat.**, 39, nº5, 687-697.

Soares, C. & Sabóia, A.L. (2007). **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005** (Textos para discussão. Diretoria de Pesquisas; nº. 21). Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo\\_trabalho\\_afdom\\_pnad2001\\_2005.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo_trabalho_afdom_pnad2001_2005.pdf)> Acesso em 25 de Novembro de 2007.

Spitz, R. (2000). **O Primeiro Ano de Vida**, São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965).

Szymanski, H. (1994). Educação para família: Uma proposta de trabalho preventivo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 4, 34-39.

Talbot, J.A. & McHale, J.P. (2004). Individual Parental Adjustment Moderates the Relationship Between Marital and Coparenting Quality. **Journal of Adult Development**, 11, nº3.

Treutler, C.M. & Epkins, C.C. (2003). Are discrepancies among child, mother, and father reports on children's behavior related to parents' psychological symptoms and aspects of parent-child relationships? **Journal of Abnormal Child Psychology**, 31, 13-27.

Wagner, A.; Predebon, J.; Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, 21, nº.2, 181-186.

Winnicott, D. W. (1998). **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).

Winnicott, D. W. (2000). **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1958).

Winnicott, D.W. (2001). **A família e o desenvolvimento individual**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965).

**ESTUDO EMPÍRICO**

**CONCORDÂNCIA ENTRE RESPOSTAS DE PAIS E MÃES AOS PROBLEMAS  
DE COMPORTAMENTO INFANTIL ATRAVÉS DO CBCL**

## CONCORDÂNCIA ENTRE RESPOSTAS DE PAIS E MÃES AOS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INFANTIL ATRAVÉS DO CBCL

### RESUMO

O presente estudo tem como objetivo verificar o nível de concordância entre as respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de um mesmo filho/a a partir do CBCL. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal, descritiva, de medida única, para avaliar a concordância entre os respondentes. Os sujeitos foram 146 casais, com filhos/as entre de 6 a 10 anos, matriculados em Escolas de Ensino Fundamental do bairro Petrópolis, Porto Alegre, RS. O instrumento utilizado foi o CBCL 6-18 anos, que foi respondido individual e separadamente pelo pai e pela mãe, considerando a mesma criança. As respostas dos pais e mães aos itens do CBCL foram calculadas através do *Software Assessment Data Manager* (ADM). As respostas fornecidas por pais e mães aos itens do CBCL, quando corrigidas pelo ADM, apontam se a criança está na faixa Clínica ou Não-Clínica, conforme classificação do instrumento, nas escalas 'Competência Social', 'Problemas de Comportamento Internalizante', 'Problemas de Comportamento Externalizante' e 'Problemas Totais de Comportamento'. A análise da concordância entre as respostas de pais e mães ao CBCL foi realizada através da medida Kappa. Para as escalas citadas, a medida Kappa apontou nível de concordância baixo a moderado entre as respostas de pais e mães (Respectivamente:  $K = 0,327$ -baixo;  $K = 0,464$ -moderado;  $K = 0,572$ -moderado;  $K = 0,347$ -baixo). É possível concluir que há pouca concordância de respostas de pais e mães, considerando se tratar de informantes que interagem com a criança em situações e ambientes semelhantes. Os resultados deste estudo vão ao encontro dos achados da literatura que afirmam que pais e mães percebem seus filhos de forma distinta. O CBCL é um instrumento útil para conhecer como pais e mães percebem e se pronunciam sobre suas crianças, possibilitando conhecer qual a concordância de respostas entre eles. Novos estudos se tornam importantes a fim de conhecer os fatores psicossociais e subjetivos envolvidos que influenciam na maneira como pais e mães percebem seus/suas filhos/as.

**Palavras Chave:** Pai; Mãe; Informantes; CBCL; Problemas de Comportamento Infantil.

## **AGREEMENT BETWEEN FATHERS AND MOTHER'S REPORT TO CHILDREN BEHAVIOR PROBLEMS THROUGH THE CBCL**

### **ABSTRACT**

This study aims to verify the agreement level between fathers and mothers' reports about the behavior problems of their child through the CBCL. This study has a quantitative, cross-sectional and descriptive design, which assess the agreement between the respondents. The sampled consisted of 146 couples, who have children age 6 to 10 years old and were students of an elementary school in Porto Alegre, Brazil. The instrument CBCL 6-18 years was used and was answered individually and separately by the father and mother of the same child. The data was calculated through the Software Assessment Data Manager (ADM). The reports provided by fathers and mothers to items of CBCL, when corrected by ADM, indicate whether the child is in the Clinical or Non-Clinical range in the following scales: 'Social Competence', 'Internalizing Problem Behavior Scale', 'Externalizing Problem Behavior Scale' and 'Total Behavior Problems Scale'. The analysis of the agreement between the fathers and the mothers' reports to CBCL was carried out by the measure Kappa. For cited scales, Kappa pointed low to moderate agreement between the reports of fathers and mothers (Respectively:  $K = 0327$  - low;  $K = 0464$  - moderate;  $K = 0572$  - moderate;  $K = 0347$  - low). It is possible to conclude that there is little agreement between fathers and mothers reports, despite of the fact that these informants interact with the same child in similar situations and similar environments. The results of this study confirm the findings of the literature which reports that fathers and mothers have different perception about their children. The CBCL is an useful tool which provides an idea of how fathers and mothers understand and report about their children and the level of agreement between fathers and mothers' report. New studies need to be developed in order to achieve a better understanding of the psychosocial and subjective factors influence the way fathers and mothers perceive their children.

**Key Words:** Father; Mother, Informants; CBCL; Child Behavior Problems.



## INTRODUÇÃO

Na família ocidental, os papéis de homens e mulheres têm sido tradicionalmente diferentes (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004) e estas diferenças se evidenciam, por exemplo, no âmbito familiar, onde o trabalho doméstico e o cuidado da prole continuam sendo atribuídos à mulher (Rocha-Coutinho, 2003). Esta, por sua vez, sempre ocupou um lugar fundamental na família, através do papel da maternidade (Favaro, 2007); já o homem foi sempre apoiado pela cultura que lhe atribuiu um lugar à parte, no que diz respeito à relação constituída pela mulher e a criança (Gomes & Resende, 2004).

Na sociedade contemporânea, no entanto, esses papéis vêm sendo modificados, estabelecendo novas formas de relações no contexto sócio-familiar (Negreiros & Féres-Carneiro 2004). Com a entrada de um número mais expressivo de mulheres no mercado de trabalho e sua maior participação na economia, já é possível perceber um compartilhamento das tarefas referentes à educação da prole e à organização da família (Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005; Fleck & Wagner, 2003; Levandowski, Koller & Piccinini, 2002).

Essas mudanças, muitas vezes, remetem os homens ao exercício de funções de cuidado com a prole e têm gerado um aumento de interesse sobre a paternidade em nível mundial, apontando para importância do pai para a família e para o próprio desenvolvimento da criança (Levandowski et al., 2002; Mora, Otálora & Recagno-Puente, 2005).

Contudo, apesar das diferentes configurações quanto aos papéis familiares, a tarefa de acompanhar o cotidiano das crianças ainda é atribuída à mãe e não ao pai (Wagner et al., 2005). Para Rocha-Coutinho (2003), tanto os homens como as próprias

mulheres ainda acreditam que a casa e os/as filhos/as são responsabilidades da mulher, enquanto que o provimento financeiro da família é responsabilidade do homem.

Embora a participação do pai no contexto familiar esteja mudando, a crença de que os homens são menos capazes de cuidar da prole acaba por excluí-los das tarefas referentes a esses cuidados. Os homens, ainda hoje, continuam sendo considerados e valorizados pelos papéis exercidos fora do âmbito das relações familiares (Lewis & Dessen, 1999) e essa realidade contribui para que se dediquem menos aos/às filhos/as e às atividades domésticas do que as mulheres (Soares & Sabóia, 2007).

Os diferentes lugares ocupados por homens e mulheres e seus diferentes papéis na família, implicarão na maneira como irão interagir, perceber e se pronunciar em relação às suas crianças, sobretudo no que diz respeito às suas características comportamentais e de desenvolvimento.

A tentativa de compreender os papéis de homens e mulheres no âmbito familiar vem crescendo consideravelmente, sobretudo no que diz respeito à relação com os/as filhos/as. Existe, ainda, a tentativa de compreender as diferenças e semelhanças na maneira com que pais e mães observam, percebem e se pronunciam sobre suas crianças. Comumente estas informações são medidas através de instrumentos eficazes para quantificar as respostas de pais e mães em relação aos/às filhos/as (Achenbach, McConaughy & Howell, 1987; Duhig, Renk, Epstein & Phares, 2000; Kerr, Lunkenheimer & Olson, 2007).

Um exemplo de instrumento útil para este fim é o *Child Behavior Checklist* – CBCL, em português denominado Lista de Verificação Comportamental para Crianças ou Adolescentes (Achenbach, 2001). Uma vez que esse instrumento proporciona o cruzamento de respostas de múltiplos informantes, torna-se possível verificar o quão concordantes são as respostas fornecidas (Achenbach, 2006; Kerr et al., 2007).

Estudos sobre as diferenças e semelhanças nas respostas de pais e mães, quando convidados a se pronunciarem sobre suas crianças através de instrumentos, apontam para uma concordância de respostas baixa a moderada (Duhig et al., 2000; Achenbach, 2006). Estes achados sugerem que mesmo que pais e mães convivam com a mesma criança, em um mesmo ambiente, a qualidade da relação parental e a quantidade de tempo que cada um dedica aos/às filhos/as são diferentes, o que irá interferir na maneira com que irão perceber e se pronunciar sobre suas crianças.

Segundo Achenbach (1992), as diferenças na percepção de pais e mães podem ocorrer porque as exposições situacionais e os graus de interação parental são percebidos de forma distinta, de acordo com o grau de *insight* de cada um, resultando em diferentes respostas quando solicitados a fornecerem informações sobre os/as filhos/as. As interações vivenciadas por pais e filhos/as e mães e filhos/as são únicas, o que viabiliza a cada um destes respondentes fornecer informações adicionais, além das informações para as quais ambos concordam.

Em um estudo norte-americano realizado por Phares (1997), mães apresentaram maior precisão ao se pronunciarem sobre suas crianças quando comparadas aos pais. A hipótese para essa diferença é que mães convivem mais tempo com os/as filhos/as, estando mais expostas às situações em que o comportamento pode ser observado. Outra hipótese está relacionada às diferentes maneiras com que as crianças tendem a se comportar na presença dos pais ou das mães que, por sua vez, irão observar filhos/as de maneira distinta (Hay, Sharp, Pawlby & Schmücker, 1999). Este dado pode explicar, por exemplo, o fato das mães reportarem mais problemas de comportamento de suas crianças do que os pais (Duhig et al., 2000). Essa idéia pode estar relacionada às atribuições sociais e culturais de homens e mulheres e corroboram a hipótese de que existem diferenças na maneira que pais e mães interagem e conseqüentemente percebem suas crianças.

Em um estudo meta-analítico norte-americano realizado por Duhig et al. (2000), que objetivou analisar artigos sobre diferenças de respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento infantil aos *checklists* e inventários, concluiu-se que pais e mães apresentam concordância moderada quanto às suas respostas. Estes achados também são encontrados em outros estudos semelhantes (Achenbach, 1992; Hay et al., 1999).

A concordância entre respostas de diferentes informantes tende a ser maior quando estes convivem em um mesmo ambiente - pais e mães têm maior concordância nas respostas, em relação às respostas de pais e professores, por exemplo (Achenbach, 2006). Porém, para o autor pais e mães são pouco concordantes, se levado em conta o fato de se tratar da mesma criança, vista em situações semelhantes, cujos respondentes executam papéis, também, semelhantes. Em outro estudo, Achenbach et al. (1987) examinaram múltiplas respostas de diferentes informantes, a partir do CBCL, e concluíram que a concordância entre a resposta de pais e mães é moderada.

Treutler e Epkins (2003) sugerem que pais e mães são os melhores informantes para avaliar problemas emocionais e de comportamento de crianças. Contudo, mães costumam apresentar respostas mais precisas que os pais, quando solicitados a responder sobre os/as filhos/as. Os pais tendem a perder qualidade em suas respostas, e quando pais e mães respondem sobre os/as filhos/as a resposta dada pelas mães é mais confiável que aquela dada pelos pais. No entanto, poucas pesquisas têm sido conduzidas utilizando os pais como informantes (Achenbach et al., 1987), o que pode ser explicado pelo fato dos pais serem comumente mais ausentes que as mães e passarem menos tempo em contato com os/as filhos/as (Seiffge-Krenke & Kollmar, 1998).

Assim, o presente estudo justifica-se pela importância de compreender como pais e mães se pronunciam sobre seus/suas filhos/as, especificamente se ambos concordam

quanto aos seus problemas de comportamento. Estes achados tornam-se relevantes na medida em que permitem compreender de que maneira pais e mães se posicionam frente aos problemas de comportamento de suas crianças e, sobretudo, frente à necessidade de atendimento psicológico.

O objetivo do estudo foi verificar a concordância entre as respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de seus/suas filhos/as, a partir do CBCL.

## MÉTODO

### **Delineamento**

Este trabalho se constitui em uma pesquisa quantitativa, descritiva, transversal, de medida única, para avaliar a concordância entre grupos.

### **Sujeitos**

Participaram do estudo 146 casais, com filhos de seis a 10 anos, meninos e meninas, matriculados em escolas de Ensino Fundamental do bairro Petrópolis, na cidade de Porto Alegre, RS. O tamanho da amostra foi calculado por meio do software “*BioEstat. 4.0*”, adotando-se um nível de significância de 0,05 e um poder de teste de 0,80.

### **Crítérios de Exclusão para a Amostra**

Para o presente estudo foram excluídos todos os questionários cujos respondentes não eram: pais e mães biológicos, padrastos e madrastas ou pais e mães adotivos. Foram excluídos, ainda, os questionários de 10 desses casais que obtiveram nível de concordância igual a 1.00, ou seja, que responderam igualmente a todos os itens do instrumento. Por fim, foram excluídos dois questionários de um casal, em que um dos

respondentes pontuou escore 2 (muito verdadeiro ou freqüentemente verdadeiro) para todos os itens. Foram considerados, então, para a amostra, 292 questionários de 146 casais (N= 146), conforme é apresentado na Tabela I:

**TABELA I: Número de respondentes ao CBCL**

<b>Respondente</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Mãe Biológica	143	48,98
Mãe Adotiva	2	0,68
Madrasta	1	0,34
Pai Biológico	137	46,92
Pai Adotivo	4	1,37
Padrasto	5	1,71
<b>Total</b>	<b>292</b>	<b>100,00</b>

### **Instrumento**

Para a pesquisa foi utilizado o instrumento *Child Behavior Checklist* (CBCL), destinado à faixa etária de seis a 18 anos (Achenbach, 2001), traduzido para o português como Lista de Verificação Comportamental para Crianças ou Adolescentes (Santos & Silves, 2006).

O CBCL 6/18 anos é um questionário composto de 138 itens, destinado aos pais/mães ou cuidadores para que forneçam respostas referentes aos aspectos sociais e comportamentais de seus/suas filhos/as. Do total de itens, 20 são destinados à avaliação da competência social da criança e 118 relativos à avaliação de seus problemas de comportamento. Os itens do questionário listam uma série de comportamentos desejáveis e disruptivos e, para cada um deles, o respondente deve marcar a freqüência com que esses problemas de comportamento ocorrem. Atribui-se a cada item/problema '0', quando *não é verdadeiro*; '1', se é *um pouco verdadeiro* ou *às vezes verdadeiro*; e '2', se é *muito verdadeiro* ou *freqüentemente verdadeiro* (Bordin, Mari & Caeiro, 1995; Achenbach, 2001; Santos & Silves, 2006).

Os itens apresentados no CBCL irão compor as onze escalas individuais que correspondem a diferentes problemas de comportamento da criança. Dentre essas escalas,

três referem-se à competência social, relativas a problemas no desempenho de atividades e nos aspectos relacionados à sociabilidade e à escolaridade. A soma dessas escalas origina a **Escala de Competência Social**. As outras oito escalas são de Ansiedade/Depressão, Isolamento/Depressão, Queixas Somáticas, Problemas Sociais, Problemas de Pensamento, Problemas de Atenção, Comportamento de Quebrar Regras/Delinqüencial e Comportamento Agressivo, cuja soma dá origem à **Escala Total de Problemas de Comportamento** (Silvares, Meyer, Santos & Gerencer, 2006; Massola & Silvares, 2005; Achenbach, 1991).

A Escala Total de Problemas de Comportamento é constituída, ainda, pela **Escala de Problemas de Comportamento Internalizante** e pela **Escala de Problemas de Comportamento Externalizante**. A Escala de Problemas de Comportamento Internalizante corresponde às três primeiras escalas de problemas de comportamento: Ansiedade e Depressão; Isolamento e Depressão e Queixas Somáticas. A Escala de Problemas de Comportamento Externalizante correspondem às duas últimas escalas de problemas de comportamento: Comportamento de Quebrar Regras e Comportamento Agressivo (Santos & Silvares, 2006). O Quadro I ilustra as categorias e suas respectivas classificações:

**QUADRO I: Escalas que constituem a Escala Total de Problemas de Comportamento**

<b>Problemas de Comportamento Internalizante</b>	<b>Problemas de Comportamento Externalizante</b>	<b>Demais Escalas de Problemas de Comportamento</b>
Isolamento	Quebrar Regras	Problemas Sociais
Queixas Somáticas	Comportamento Agressivo	Problemas de Pensamento
Isolamento/Depressão		Problemas de Atenção

A escala de Problemas de Comportamento Externalizante é descrita em termos de padrões comportamentais manifestos desajustados, denominados também problemas de comportamento, como agressividade, agitação psicomotora e comportamento delinqüente; refere-se, em geral, aos comportamentos considerados problemáticos, que se exercem diretamente sobre o ambiente. A Escala de Problemas de Comportamento Internalizante é descrita em termos de padrões comportamentais privados desajustados, denominados também problemas emocionais, como tristeza e isolamento; refere-se a um conjunto de comportamentos considerados problemáticos pelos entrevistados, mas que não se exercem diretamente sobre o ambiente, restringindo-se ao mundo interno da criança. Ambas as escalas, Internalizante e Externalizante, compõem a Escala Total de Problemas de Comportamento (Bordin et al., 1995; Massola & Silvaes, 2005; Gauy & Guimarães, 2006).

A Escala Total de Problemas de Comportamento também é composta pelas escalas “Problemas Sociais”, “Problemas de Pensamento” e “Problemas de Atenção”, que não pertencem à Escala Externalizante e à Escala Internalizante (Quadro I). A Escala Total de Problemas de Comportamento também é composta por uma categoria denominada Outros Problemas, que são alguns itens que não são englobados em nenhuma das escalas anteriores. No entanto, todos os itens de Outros Problemas, somados aos demais itens das demais escalas, são utilizados para calcular o escore de problemas totais de comportamento, fornecendo, assim, a Escala Total de Problemas de Comportamento.

Em todas as 11 escalas do CBCL, a criança é classificada, conforme propõe o instrumento, como ‘Clínica’, ‘Limítrofe’ ou ‘Não-Clínica’, de acordo com a amostra normativa de pares de Achenbach (1991). Dependendo dos objetivos do estudo, as categorias do CBCL podem ser reduzidas em duas: ‘Clínica’ e ‘Não-Clínica’, através da inclusão dos casos ‘Limítrofes’ na categoria ‘Clínica’ (Achenbach, 1991). Essa



classificação não representa, contudo, um diagnóstico da criança; aponta, apenas, a categoria na qual a criança melhor é classificada, de acordo com o instrumento.

### **Procedimentos de Coleta**

Primeiramente foi realizado o contato telefônico com a Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, que forneceu, via e-mail, uma lista atualizada das escolas localizadas no bairro Petrópolis de Porto Alegre. A escolha por escolas desse bairro ocorreu por conveniência, considerando o grande número de escolas na região e a localização acessível à mestranda e a outros participantes auxiliares da pesquisa.

Após o recebimento da lista, foi realizado o contato com as escolas, também por telefone, para explicar a pesquisa e saber do interesse na participação do estudo. Para as escolas interessadas, foram solicitadas informações sobre o número de crianças matriculadas, faixa etária, número de turmas, etc. Em um segundo momento, foi entregue a cada escola uma cópia resumida do projeto de pesquisa, uma carta de apresentação e uma carta de aceite.

Com o aceite das escolas em participar do estudo, foi realizado o contato com os pais. A entrega do instrumento para os pais foi realizada pelas crianças através de um envelope lacrado. Ao todo, foram entregues um número aproximado de 400 envelopes, ou seja, para 400 casais participantes. No envelope continha a Carta de Apresentação, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, uma folha explicativa quanto aos procedimentos de preenchimento do CBCL e o CBCL propriamente dito. Aos pais foi solicitado que respondessem ao instrumento separada e individualmente, considerando o/a mesmo/a filho/a e, depois de preenchido, que o reenviassem à escola, dentro de outro envelope, devidamente lacrado. Foi enfatizada aos pais a importância dos questionários

serem respondidos individualmente, não havendo, assim, a comunicação entre os respondentes.

### **Procedimentos de Análise**

As respostas dos pais e das mães aos itens do CBCL foram analisadas a partir do *Software Assessment Data Manager* (ADM), que é o programa desenvolvido para correção do CBCL. Esse programa é o *software* central do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado de Achenbach, (*Achenbach System of Empirically Based Assessment* - ASEBA) e é utilizado para a análise de todos os questionários do ASEBA, dentre eles o CBCL 6/18. O programa inclui módulos para digitar e analisar os dados obtidos através do instrumento (Achenbach & Rescorla, 2004).

Conforme mencionado, o programa ADM ao corrigir as respostas fornecidas aos itens/problemas do CBCL classifica a criança a partir das categorias ‘Clínica’, ‘Limítrofe’ e ‘Não-Clínica’ (Achenbach, 1991). Em outras palavras, as respostas fornecidas por pais e mães aos itens/problemas são alocadas nessas categorias. O presente estudo optou por incluir as crianças categorizadas como ‘Limítrofes’ na categoria ‘Clínica’, conforme recomendação de Achenbach (1991) para pesquisas com o CBCL.

Os resultados do CBCL oferecidos pelo ADM foram analisados através do programa estatístico *SPSS for Windows* versão 11. Foram calculadas as médias, frequências e porcentagens. A análise de concordância, a partir da classificação das crianças em ‘Clínica’ e ‘Não-Clínicas’ foi realizada através da medida Kappa (Landis & Koch, 1977).

## **Procedimentos Éticos**

Inicialmente, foi entregue às escolas um conjunto de materiais constituído pelos seguintes documentos: 1) Cópia resumida do projeto, explicando todos os procedimentos e objetivos da pesquisa; 2) Carta de Apresentação da Pesquisa; 3) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi assinado pelas diretoras das escolas e devolvido às pesquisadoras. Após o aceite das escolas, foi entregue aos pais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi assinado e devolvido à pesquisadora. Este estudo foi aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Posteriormente foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (Anexo I).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O objetivo de verificar a concordância entre respostas de pai e mãe de uma mesma criança, de acordo com o CBCL, foi verificado a partir da medida Kappa. As respostas de pai e mãe da mesma criança para as Escalas de Competência Social, Problemas de Comportamento Internalizante, Problemas de Comportamento Externalizante e Problemas Totais de Comportamento foram calculadas pelo ADM, sendo a criança classificada em Clínica ou Não-Clínica. A escolha pela utilização das categorias Clínica ou Não-Clínica do CBCL, nas quais a criança é alocada, ao invés dos escores, ocorreu em função do tamanho da amostra.

### **Escala de Competência Social**

A Escala de Competência Social é composta por 20 itens relativos ao envolvimento da criança em diversas atividades (brincadeiras, jogos, execução de tarefas, etc.), participação em grupos, relacionamento com pessoas (familiares, amigos, etc.),

independência no brincar e desempenho escolar, etc. (Bordin et al., 1995). A maioria dos itens exige que os pais comparem o comportamento do filho com outras crianças da mesma idade, identificando-as como ‘*Abaixo da Média*’, ‘*Acima da Média*’ ou ‘*Dentro da Média*’ (Achenbach, 1991).

A análise das respostas de pais e mães para a Escala de Competência Social, através da medida Kappa, resultou em uma concordância baixa ( $K=0,327$ ;  $P= 0,001$ ), ou seja, pais tendem a não concordar em suas respostas quanto aos problemas relacionados à competência social dos seus/suas filhos/as.

A Tabela II apresenta a distribuição das respostas dos casais na escala referente aos problemas de competência social:

**TABELA II: Concordância entre Pais e Mães na Escala de Competência Social**

	Problemas de Competência Social				
	Pai				
		Clínico		Não-Clínico	
<i>Problemas de Competência Social Mãe</i>		<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
	<b>Clínico</b>	32	29,1	14	12,7
	<b>Não-Clínico</b>	23	20,9	41	37,3
<i>Total</i>		<b>55</b>	<b>50,0</b>	<b>55</b>	<b>50,0</b>

A análise da Escala de Competência Social foi realizada com os questionários preenchidos por 110 casais, considerando que 36 casais preencheram os questionários de forma incompleta nos itens relativos ao desempenho escolar. A maioria destas 36 crianças são alunos de primeira série que não possuem na sua grade curricular todas as disciplinas citadas no questionário.

### Escala de Problemas de Comportamento Internalizante

A Escala de Problemas de Comportamento Internalizante corresponde aos comportamentos privados desajustados, denominados, também, problemas emocionais como tristeza e isolamento e que não se exercem diretamente no ambiente. O respondente atribui a cada problema '0', se o problema *não é verdadeiro*; '1', se é *um pouco verdadeiro* ou *às vezes verdadeiro*; e '2', se é *muito verdadeiro* ou *frequentemente verdadeiro*.

A análise das respostas de pais e mães para a Escala de Problemas de Comportamento Internalizante, através da medida Kappa, resultou em uma concordância moderada ( $K= 0,464$ ;  $P= 0,000$ ), ou seja, a concordância entre respostas de pais e mães não é considerada substancial no que diz respeito aos problemas de comportamento internalizantes de seus filhos.

A Tabela III apresenta a distribuição das respostas dos casais na escala referente aos problemas de comportamento internalizante:

**TABELA III: Concordância entre pais e mães para Escala de Problemas de Comportamento Internalizante**

	Problemas de Comportamento Internalizante				
	Pai				
		Clínico		Não-Clínico	
<b>Problemas de Comportamento Internalizante Mãe</b>		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
	<b>Clínico</b>	37	25,3	23	15,8
	<b>Não-Clínico</b>	14	9,6	72	49,3
<b>Total</b>		<b>51</b>	<b>34,9</b>	<b>95</b>	<b>65,1</b>

### Escala de Problemas de Comportamento Externalizante

A Escala de Problemas de Comportamento Externalizante corresponde aos problemas de comportamento desajustados que se exercem diretamente no ambiente. Assim como na Escala Internalizante, o respondente também atribui a cada problema '0',

se o problema *não é verdadeiro*; '1', se é *um pouco verdadeiro* ou *às vezes verdadeiro*; e '2', se é *muito verdadeiro* ou *frequentemente verdadeiro*.

A análise das respostas de pais e mães para a Escala de Problemas de Comportamento Externalizante, através da medida Kappa, resultou em uma concordância moderada ( $K=0,572$ ;  $P= 0,000$ ), ou seja, a concordância entre respostas de pais e mães não é considerada substancial no que diz respeito aos problemas de comportamento externalizantes de seus filhos.

A Tabela IV apresenta a distribuição das respostas dos casais na escala referente aos problemas de comportamento externalizante:

**TABELA IV: Concordância entre pais e mães para Escala de Problemas de Comportamento Externalizante**

	Problemas de Comportamento Externalizante				
	Pai				
		Clínico		Não-Clínico	
<i>Problemas de Comportamento Externalizante Mãe</i>		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
	Clínico	24	16,4	13	8,9
	Não-Clínico	10	6,9	99	67,8
<i>Total</i>		<b>34</b>	<b>23,3</b>	<b>112</b>	<b>76,7</b>

### Escala Total de Problemas de Comportamento

A Escala Total de Problemas de Comportamento é a soma das Escalas de Problemas de Comportamento Internalizante e Externalizante mais as escalas 'Problemas Sociais', 'Problemas de Atenção' e 'Problemas de Pensamento', além dos itens denominados 'Outros Problemas'.

A análise das respostas de pais e mães para a Escala Total de Problemas de Comportamento, através da medida Kappa, resultou em uma concordância baixa ( $K=0,347$ ;  $P= 0,000$ ), ou seja, pais tendem a não concordar em suas respostas quanto aos problemas totais de comportamento de seus/suas filhos/as.

A Tabela V apresenta a distribuição das respostas dos casais na Escala Total de Problemas de Comportamento:

**TABELA V: Concordância de pais e mães para Escala Total de Problemas de Comportamento**

	Problemas Totais de Comportamento				
	Pai				
		Clínico		Não-Clínico	
<i>Problemas Totais de Comportamento Mãe</i>		<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
	Clínico	28	19,2	27	18,5
	Não-Clínico	16	10,9	75	51,4
<i>Total</i>		<b>44</b>	<b>30,1</b>	<b>102</b>	<b>69,9</b>

A seguir, o Quadro II apresenta, de forma sintética, a classificação da medida Kappa para as quatro categorias analisadas:

**QUADRO II: Classificação da Medida Kappa para as Categorias**

Escalas	Classificação Kappa
Escala de Competência Social	Baixo
Escala de Problemas de Comportamento Internalizante	Moderado
Escala de Problemas de Comportamento Externalizante	Moderado
Escala Total de Problema de Comportamento	Baixo

A partir dos dados do Quadro II, observa-se que a concordância entre as respostas de pais e mães às quatro escalas CBCL, que quando calculadas classificam a criança como Clínica ou Não-Clínica, foi de baixa a moderada.

Uma hipótese para o fato de pais e mães terem obtido baixa concordância entre si para a Escala de Competência Social é que tal competência da criança é exercida em diversos ambientes, nos quais os pais nem sempre estão tão presentes, como é o caso da escola, dentre outros. O conceito de Competência Social advém da teoria comportamental

e refere-se a determinados tipos de comportamentos sociais, caracterizados pela capacidade que o indivíduo possui de organizar pensamentos, sentimentos e ações, em função de objetivos pessoais e sociais, em prol de conseqüências positivas, sobretudo nas relações interpessoais estabelecidas por este sujeito. A competência social de crianças refere-se ao rendimento escolar, às estratégias de enfrentamento diante de situações de estresse ou frustração, ao autocuidado, à independência para realizar tarefas, à cooperação, etc. (Cia, Pamplin & Del Prette 2006).

Os estudos levantados para esta pesquisa – com o objetivo de verificar a concordância de respostas de diferentes informantes ao CBCL, comumente não analisam as respostas referentes à Escala de Competência Social. Esses estudos detêm-se nas Escalas de Problemas de Comportamento Internalizante e Externalizante, bem como a Escala Total de Problemas de Comportamento. Para ilustrar ilustração, torna-se válido citar, novamente, o estudo meta-analítico realizado por Duhig et al. (2000). Esse estudo analisou 60 artigos publicados entre os anos de 1990 e 1997 que possuíam dados quantitativos referentes às respostas de pais e mães acerca dos problemas comportamentais e emocionais de crianças e adolescentes, a partir de questionários e *checklists*. Os problemas de comportamento analisados nos artigos citados foram classificados em Externalizantes, Internalizantes e Problemas Totais de Comportamento; A Escala de Competência Social, por sua vez, não foi analisada. Em função dessa realidade, ao menos neste momento, não foi possível realizar uma análise das respostas fornecidas pelos casais deste estudo à luz da literatura.

A concordância moderada entre as respostas de pais e mães para a Escala de Problemas de Comportamento Internalizante e para a Escala de Problemas de Comportamento Externalizante, assim como a baixa concordância na Escala Total de Problemas de Comportamento, indica que mesmo que pais e mães estejam se



pronunciando sobre a mesma criança, as suas características de comportamento, quais sejam, são observadas de forma distinta. É possível compreender esses achados à luz dos estudos que sugerem ser diferentes a qualidade da relação parental e a quantidade de tempo que pais e mães dedicam aos/às filhos/as, o que irá interferir na maneira com que irão perceber e se pronunciar sobre suas crianças (Achenbach, 1992; Duhig et al., 2000; Achenbach, 2006).

Outra hipótese para esse fenômeno se dá pelas características da família contemporânea cujas crianças passam pouco tempo em contato com os pais e mães, que, em função do trabalho e outras atividades, deixam, muitas vezes, a criança aos cuidados de terceiros (De Marque, 2006). O fato de pais e mães passarem pouco tempo em contato com seus/suas filhos/as pode interferir na maneira que percebem e se pronunciam sobre esses/essas filhos/as.

Quanto aos problemas de comportamento internalizante, a literatura aponta que esses são pouco perceptíveis por parte daqueles que convivem com a criança; esses problemas acontecem mais no âmbito privado da criança e geralmente pais e mães têm dificuldade em percebê-los e, por conseguinte, reportá-los (Achenbach et al., 1987; Duhig et al., 2000; Kerr et al., 2007). Essas características podem ser responsáveis por uma maior concordância nas respostas de pais e mães para os problemas de comportamento externalizantes, em detrimento dos problemas de comportamento internalizantes (Achenbach et al., 1987; Duhig et al., 2000; Kerr et al., 2007). No entanto esta informação não foi analisada, já que não se tratava do objetivo deste estudo.

Por fim, os achados deste estudo corroboram os estudos internacionais sobre a concordância entre respostas de pais e mães, quando convidados a responderem sobre os problemas de comportamento de seus filhos. Vários estudos que utilizam o CBCL, bem como outros instrumentos para comparar respostas de informantes, apontam para um nível

de concordância baixo a moderado entre as respostas fornecidas por pais e mães (Achenbach, 1992; Duhig et al., 2000; Achenbach, 2006).

Este é o primeiro estudo brasileiro sobre a concordância de respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de um/uma mesmo/a filho/a, a partir do CBCL, considerando que não foi encontrada nenhuma referência sobre estudos semelhantes nas bases de dados pesquisadas ao longo deste estudo. Esse fato inviabiliza uma comparação com outros dados colhidos no Brasil. Por outro lado, este estudo apresenta dados interessantes e inéditos, na medida em que atesta que, assim como em outros lugares do mundo, os pais e mães desta pesquisa também apresentam percepções distintas entre si, e, por conseguinte, baixa concordância em relação aos problemas de comportamento de seus/suas filhos/filhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, que teve como objetivo verificar a concordância entre as respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de seus/suas filhos/as, a partir do CBCL, é possível tecer algumas considerações, seja pelos dados apresentados, seja pela contribuição em apontar nossos caminhos para novas investigações e questionamentos.

De acordo com os dados apresentados, verificou-se que pais e mães apresentam nível de concordância baixo a moderado em suas respostas, quando solicitados a se pronunciarem sobre os problemas de comportamento de seus filhos, a partir do *Child Behavior Checklist*, CBCL. Os achados trazidos na presente pesquisa corroboram os achados da literatura internacional, que também apontam concordância baixa a moderada quanto às respostas fornecidas por pais e mães a esse instrumento (Achenbach et al., 1987; Duhig et al., 2000; Kerr et al., 2007).

A baixa concordância entre as respostas fornecidas por pais e mães ao CBCL indica que mesmo que pais e mães estejam em contato com a mesma criança cada um pode proporcionar informações distintas sobre os problemas de comportamento de seus/suas filhos/as. Inúmeros fatores podem contribuir para essas diferenças. Dentre estes fatores, estão os aspectos emocionais de pais e mães, os aspectos da relação conjugal e, ainda, outras características subjetivas. Da mesma forma, parece haver uma influência importante dos aspectos sociais e culturais intrínsecos na definição dos papéis parentais que, por sua vez, irão influenciar no lugar que pais e mães ocuparão no âmbito familiar e, conseqüentemente, na maneira com que irão observar, perceber, se relacionar e conseqüentemente, se pronunciar sobre seus/suas filhos/as.

As diferentes formas com que pais e mães percebem seus/suas filhos/as apresentam profundas implicações, por exemplo, no que diz respeito às queixas dos pacientes infantis trazidos para atendimento psicológico. Já na primeira entrevista, pais e mães tendem a apresentar opiniões diferentes quanto às queixas de seus/suas filhos/filhas. Isso ocorre devido às diferentes relações estabelecidas entre pais e filhos/as e mães e filhos/as. Ora, uma vez que pais e mães exercem suas funções parentais de forma qualitativa e quantitativamente distintas, é compreensível que cada um irá observar e perceber os problemas apresentados pela criança também distintamente, apontando diferentes concepções sobre a urgência e relevância do encaminhamento para a psicoterapia.

Ao mesmo tempo, uma vez discordantes no que diz respeito à gravidade dos problemas apresentados pelos/as filhos/as, é provável que pais e mães também estejam discordantes quanto à aderência e à manutenção da psicoterapia do/a filho/a, tanto quanto à sua própria contribuição e participação no processo terapêutico. Em outras palavras, esse contexto implica na qualidade da terapia, no nível de aderência e na taxa de abandono dos pacientes infantis (Kazdin, Bass, Ayers, & Rodgers, 1990; Kazdin, 1991).

Devido à relevância da participação de pais e mães no processo terapêutico da criança, considerando que são os pais e mães que trazem as crianças para atendimento psicológico e que, por sua vez, são responsáveis pela manutenção do mesmo, torna-se importante compreender de que maneira pais e mães percebem o comportamento das suas crianças, abordando as possíveis diferenças nessas percepções. Nesse contexto, o CBCL pode ser um instrumento útil para tal finalidade.

Quanto ao instrumento, observou-se, no decorrer da pesquisa, que o CBCL possui algumas limitações, a saber: determinados itens não correspondem exatamente ao que os respondentes denominam problemas de comportamento. Esta incoerência quanto ao

significado do que é considerado, efetivamente, um problema de comportamento, pode ter ocorrido em função da tradução dos itens do instrumento. Quanto ao *layout* do instrumento (letras pequenas e sem espaço adequado à leitura entre elas) verificou-se um prejuízo quanto ao correto preenchimento de alguns itens, por parte de alguns casais, o que inviabilizou o uso destes questionários. Ainda, observou-se que algumas informações referentes à competência social da criança não estão de acordo com a realidade das crianças brasileiras, o que impediu o preenchimento destes itens pelos pais/mães, inviabilizando a correção. Por fim, entende-se que as categorias de classificação proposta por Achenbach (2001) e que, por sua vez, classificam os problemas de comportamento da criança, obtidos através do CBCL não comportam alguns problemas frequentes da população brasileira como é o caso dos problemas de aprendizagem.

O presente estudo não encerra as diversas questões referentes ao tema discutido aqui. Não foram considerados, por exemplo, os aspectos sociais, sócio-demográficos e econômicos relativos aos sujeitos da presente pesquisa. Do mesmo modo, não foram analisados os aspectos pessoais e subjetivos de pais e mães como, por exemplo, a presença de transtornos emocionais e o nível de satisfação conjugal.

Considerando que foram utilizados os questionários respondidos por pais e mães biológicos, padrastos e madrastas e pais e mães adotivos, casados ou separados, não se sabe quais as possíveis implicações dessas condições na maneira com que cada pai ou mãe irá perceber e se pronunciar sobre seus/suas filhos/as. É importante referir que não foi objetivo deste estudo analisar os aspectos referentes às diferentes configurações familiares e suas respectivas implicações na percepção e nas respostas fornecidas por homens e mulheres em relação aos seus filhos. Entende-se que esses aspectos, além de outras características familiares subjacentes, poderiam ter fornecido informações adicionais importantes para a compreensão do fenômeno em questão.

Por fim, este estudo objetivou verificar o nível de concordância de respostas de pais e mães ao CBCL. Foi solicitado aos respondentes que preenchessem ao questionário individualmente e que não comunicassem os resultados um ao outro. No entanto, os questionários foram entregues em um envelope e não houve controle quanto à troca de informações entre os casais. Devido ao contrato e às recomendações de preenchimento, acredita-se que os respondentes atenderam à solicitação da pesquisadora para responderem aos instrumentos individual e separadamente. Todos os instrumentos com índice de correlação igual a 1,00 (de acordo com o CBCL) foram excluídos.

Sugere-se, portanto, estudos posteriores que objetivem analisar as diferenças e concordâncias entre as respostas de pais e mães em função de características sócio-econômicas, idade das crianças e dos respondentes, bem como avaliar as características conjugais e pessoais dos respondentes.

## REFERÊNCIAS

Achenbach T. M. (1991). **Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 Profile**. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach T.M. (1992). **Manual for the Child Behavior Checklist/2-3 and 1992 Profile**. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach T.M. (2001). **Manual for the Child Behavior Checklist/6-18 and 2001 Profile**. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach, T.M. (2006). As Others See Us – Clinical and Research Implications of Cross-Informant Correlations for Psychopathology. **Current Directions in Psychological Science**, 15, Issue 2, Apr., 94-98.

Achenbach, T.M.; McConaughy, S.H. & Howell, C.T. (1987). Child/adolescent behavioral and emotional problems: Implications of cross-informant correlations for situational specificity. **Psychological Bulletin**, 101, 213-232.

**Achenbach, T.M., Dumenci, L. & Rescorla, L. (2001). Ratings of Relations Between DSM-IV Diagnostic Categories and Items of the CBCL/6-18, TRF, and YSR. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center of Children, Youth and Families, Oct.**

Achenbach T. M. & Rescorla, L. A. (2004). **Mental Health practitioners' guide for the Achenbach of Empirically Based Assessment (ASEBA) (4<sup>th</sup> ed.)**. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.

Bordin, I. A. S., Mari, J. J. & Caeiro, M. F. (1995). Validação da versão brasileira do Child Behavior Checklist (CBCL) (Inventário de Comportamento da Infância e da Adolescência): dados preliminares. **Revista ABP – APAL**, 17 (2), 55-66.

Cia, F.; Pamplin, R.C.O. & Del Prette, Z.A.P. (2006). Comunicação e Participação Pais-Filhos: Correlação com Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento dos Filhos. **Paidéia**, 16(35), 395-408.

De Marque, C.R. (2006). **Construção de identidade e formação de vínculos, no processo psicoterapêutico de uma criança, em diferentes contextos familiares**. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 100p.

Duhig, A.M.; Renk, K.; Epstein, M.K. & Phares, V. (2000). Interparental Agreement on Internalizing, Externalizing and Total Behavior Problems: A Meta-analysis. **Clinical Psychology: Science and Practice**, 7, nº4, 435-453.

Favaro, C. (2007). Mulher e Família: Um Binômio (quase) Inseparável. In Strey, M. N.; Neto, J. A. S.; Horta, R. L. (org), **Família e Gênero** (pp.39-56). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Fleck, A.C. & Wagner, A. (2003). A Mulher Como a Principal Provedora do Sustento Econômico Familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 8, num. esp., 31-38.

Gauy, F.V; Guimarães, S. S. (2006). Triagem em Saúde Mental Infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 22, nº1, 005-016.

Gomes, A.J.S. & Resende, V.R. (2004). O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 20, nº2, 119-125.

Hay, D.F.; Sharp, D.; Pawlby, S. & Schmücker, G. (1999). Parent's Judgements About Young Children's Problems: Why Mothers and Fathers Might Disagree Yet Still Predict Later Outcomes. **J. Child Psychol. Psychiat.**, 40, nº8, 1249-1258.

Kerr, D.C.R.; Lunkenheimer, E.S. & Olson, S.L. (2007). Assessment of child problem behaviors by multiple informants: a longitudinal study from preschool to school entry. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 48: 10, 967-975.

Kazdin, AE; Siegel, TC & Bass, D.(1990). Drawing upon clinical practice to inform research on child and adolescent psychotherapy: A survey of practioners. **Professional Psychology: Research and practice**, 21, 189-198.

Kazdin AE. (1991). Effectiveness of psychotherapy with children and adolescents. **Journal of Counsulting and Clinical psychology**, 59(6), 785-98.

Landis J.R. & Koch, G.G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. **Biometrics**, 33: 159-174.

Levandowski, D.C.; Koller, S.H. & Piccinini, C.A. (2002). Paternidade na Adolescência e os Fatores de Risco e de Proteção para a Violência na Interação Pai-Criança. **Interações**, vol.VII, nº13, jan-jun, 77-100.

Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 15(1), 9-16.

Massola, G. M. & Silves, E. F. S. (2005). A percepção do Distúrbio de Comportamento Infantil por Agentes Sociais versus Encaminhamento para Atendimento Terapêutico. **Revista Interamericana de Psicologia**, 39, nº1, 139-150.

Mora, L.; Otálora, C. & Recagno-Puente, I. (2005). Hombre y la Mujer Frente al Hijo: Diferentes Voces Sobre su Significado. **Psykhé**, 14, nº2. Santiago, nov.

Negreiros, T.C.G.M. & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e Feminino na Família Contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Uerj, ano 4, nº1, 1º Semestre.

Phares, V. (1997). Accuracy of Informants: Do Parents Think That Mother Knows Best? **Journal of Abnormal Child Psychology**, 25(2), 165-171.

Piccinini, C.A.; Silva, M.R.; Gonçalves, T.R.; Lopes, R.S. & Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno Durante a Gestaçao. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(3), 303-314.



Rocha-Coutinho, M.L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? **Psicologia Clínica**, 15, nº2, 93-107.

Santos, E.O.L.; Silveiras, E.F.M. (2006), Crianças Enuréticas e Crianças Encaminhadas para Clínicas-Escola: Um Estudo Comparativo da Percepção de seus Pais, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19(2), 277-282.

Seiffge-Krenke, I. & Kollmar, F. (1998). Discrepancies between Mother's and Fathers' Perceptions of Sons' and Daughters' Problem Behavior: A Longitudinal Analysis of Parent-Adolescent Agreement on Internalising and Externalising Problem Behavior. **J. Child Psychol. Psychiat.**, 39, nº5, 687-697.

Silveiras, E.F.M.; Meyer, S.B.; Santos, E.O.L. & Gerencer, T.T. Um Estudo em Cinco Clínicas-Escolas Brasileiras com a Lista de Verificação Comportamental para Crianças (CBCL) In Silveiras, E.F.M. (2006). **Atendimento Psicológico em Clínicas-Escola**. Campinas: Editora Alíneas.

Soares, C. & Sabóia, A.L. (2007). **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005** (Textos para discussão. Diretoria de Pesquisas; nº. 21). Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo\\_trabalho\\_afdom\\_pnad2001\\_2005.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo_trabalho_afdom_pnad2001_2005.pdf)> Acesso em: 25 de Novembro, de 2007.

Treutler, C.M. & Epkins, C.C. (2003). Are discrepancies among child, mother, and father reports on children's behavior related to parents' psychological symptoms and aspects of parent-child relationships? **Journal of Abnormal Child Psychology**, 31, 13-27.

Wagner, A.; Predebon, J.; Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, 21, nº.2, 181-186.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Ao término da presente dissertação de mestrado, algumas considerações serão apresentadas, com base no material exposto anteriormente. Em síntese, o objetivo geral do presente estudo foi compreender as possíveis diferenças na maneira com que pais e mães percebem e se pronunciam sobre seus/suas filhos/as, especificamente sobre suas características de comportamento, verificando a concordância entre as respostas de pais e mães quanto aos problemas de comportamento de seus/suas filhos/as a partir do *Child Behavior Checklist* (CBCL).

Inicialmente, foi possível compreender, segundo os achados da literatura apresentada, que as relações estabelecidas entre pais e filhos/as e mães e filhos/as tendem a ser diferentes, e esse fato contribui na maneira com que pais interagem, percebem e se pronunciam em relação aos/ filhos/as. Diversos estudos acerca das respostas de pais e mães, quando convidados a se pronunciarem sobre suas crianças, apontam para uma concordância de respostas baixa a moderada. Do mesmo modo, a literatura demonstra que as diferenças e concordâncias quanto à maneira com que pais e mães percebem suas crianças podem ser medidas através de instrumentos padronizados de avaliação psicológica, como o CBCL. Tal instrumento apresentou-se útil para verificar a concordância das respostas fornecidas pelos 146 casais participantes deste estudo.

Do mesmo modo que exposto na literatura, este estudo concluiu que os casais participantes apresentaram nível de concordância baixo a moderado em suas respostas, quando solicitados a se pronunciarem sobre os problemas de comportamento de seus filhos através do CBCL. Esses achados corroboram os achados da literatura internacional, que também apontam concordância baixa a moderada quanto às respostas fornecidas por pais e mães a esse instrumento, bem como a outros instrumentos semelhantes.

A relevância deste estudo reside, então, na possibilidade de compreender e, a partir disso, reconhecer o quão concordantes pais e mães podem ser quando convidados a se pronunciarem sobre suas crianças. Na prática esta informação pode ser importante para se pensar em medidas eficazes em psicoterapia infantil, que considere as diferentes opiniões de pais e mães quanto às queixas e à própria psicoterapia dos seus filhos. É de amplo e comum entendimento por parte dos clínicos e pesquisadores, que a avaliação psicológica da criança, requer dados oriundos de diversas fontes. A concordância entre pais e mães tende a ser modesta, porém cada um pode contribuir com informações úteis sobre diferentes aspectos do comportamento da criança.

As diferentes formas com que pais e mães percebem seus/suas filhos/as apresentam profundas implicações, por exemplo, no que diz respeito às queixas dos pacientes infantis trazidos para atendimento psicológico. Uma vez discordantes quanto às queixas relacionadas à criança, os casais podem, também, não concordar quanto à importância e a necessidade de psicoterapia para seus/suas filhos/filhas. A implicância prática deste estudo consiste em compreender o quão concordantes são os pais e mães quando solicitados a se pronunciarem sobre seus/suas filhos/filhas. Estes resultados não podem ser generalizados a toda população, mas são relevantes o suficiente para serem melhor explorados em estudos posteriores, que possibilitem ampliar a amostra.

Por fim, o presente estudo se configura como um recorte, considerando todas as informações colhidas e as inúmeras possibilidades de análise dos dados. Optou-se por avaliar a concordância entre as respostas de pais e mães ao CBCL, a partir da medida Kappa; outras medidas, porém, podem ser úteis para avaliar outros aspectos, tais como as diferenças e as correlações entre as respostas fornecidas por pais e mães. Essas e outras análises poderão ser realizadas a posteriori.

**ANEXO:****APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUCRS**



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 0224/07-CEP

Porto Alegre, 13 de março de 2007.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 06/03496, intitulado: "**As diferenças de percepção de pais e mães sobre o comportamento de um mesmo filho**".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser entregues a este CEP.

Atenciosamente,

  
Prof. Dr. José Roberto Goldim  
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)  
Profa Maria Lucia Tiellet Nunes  
N/Universidade

PUCRS

Campus Central  
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000  
Fone/Fax: (51) 3320-3345  
E-mail: [cep@pucrs.br](mailto:cep@pucrs.br)  
[www.pucrs.br/prppg/cep](http://www.pucrs.br/prppg/cep)